

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

CURSO DE TRADUÇÃO

ELIANE BRITO SOARES



**A INTERPRETAÇÃO ORAL INGLÊS-PORTUGUÊS NO CONTEXTO
RELIGIOSO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DO PERFIL DO
INTÉRPRETE E DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO**

Tradução
Translation

UBERLÂNDIA/MG

2015

ELIANE BRITO SOARES

**A INTERPRETAÇÃO ORAL INGLÊS-PORTUGUÊS NO CONTEXTO
RELIGIOSO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DO PERFIL DO
INTÉRPRETE E DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO**

Monografia apresentado ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Igor A. Lourenço

Uberlândia/MG

2015

ELIANE BRITO SOARES

**A INTERPRETAÇÃO ORAL INGLÊS-PORTUGUÊS NO CONTEXTO
RELIGIOSO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DO PERFIL DO
INTÉRPRETE E DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientador: Professor Dr. Igor A. Lourenço.

Uberlândia/MG, 22 de julho de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Igor Antônio Lourenço da Silva (ILEEL/UFU)

Orientador

Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda (ILEEL/UFU)

Examinadora

Prof. Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa (ILEEL/UFU)

Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por tudo o que tem feito por mim, pois, desde que passei a caminhar com Jesus, minha vida tem sido transformada.

À minha família por todo o apoio que recebi.

Aos professores pelo conhecimento compartilhado durante o curso e principalmente ao meu orientador, Prof. Dr. Igor A. Lourenço, pelo direcionamento, atenção, paciência e ajuda na viabilização desta pesquisa.

Aos colegas de turma pelos momentos partilhados nesses três anos e meio de curso. Acredito que esse contato nos ajudou a aprender um com o outro e a crescer como pessoas e como profissionais.

A todos os intérpretes voluntários – tanto aos meus queridos irmãos da igreja como aos meus colegas de curso – por se disponibilizarem a fazer parte desta monografia.

Ao aluno do curso de Estatística, Caio Henrique Garcia, pela sua contribuição nas análises estatísticas feitas neste trabalho.

Meus inúmeros agradecimentos a todos vocês!

When I travel to foreign countries, I speak English, they speak other languages. They put between me and the people this guy [the interpreter]. Now, I've got a hope that this guy is telling them what I say. Not only that, I've got a hope that he understands himself what I am saying! That means that the chances of you getting the wrong message are so high when the mediator is in question. Between me and ten thousand people there is the mediator, the interpreter. Who is the most important in our whole scenario? As important as I am, he is more important than me and more important than the listener. Why? He determines what they hear!

Pastor Myles Munroe

RESUMO

A prática de interpretação em igrejas evangélicas é algo recorrente; porém, são raras as pesquisas que abordem esse tema no Brasil. Este trabalho visa dar início a uma investigação do processo interpretativo e do perfil de intérpretes que atuam no contexto religioso, marcado por falta de formação específica em interpretação ou tradução e por presença de oradores estrangeiros. Para tal, valeu-se, primeiramente, da aplicação de questionários junto a três intérpretes religiosos para delinear a modalidade e o tipo de interpretação empregado em uma igreja de Uberlândia/MG e para traçar o perfil desse tipo de intérprete na igreja em questão. Posteriormente, foi feito um experimento com esses três intérpretes e dois alunos do último período do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia. Nesse experimento, foi utilizado o programa Camstudio Recorder para gravar a interpretação, para o português, de um culto, em inglês, fornecido em vídeo e dividido em segmentos de duração variável. Partiu-se das hipóteses de que (1) os intérpretes religiosos, dada sua experiência e dado seu conhecimento de domínio, teriam melhor desempenho quando da interpretação de excertos do culto imbuídos de fortes referências bíblicas, enquanto (2) os alunos do Curso de Tradução, dada a sua formação específica, teriam melhor desempenho quando da interpretação de excertos extremamente longos. Com base nos dados obtidos no experimento, foram analisados o tempo de reação do intérprete ao iniciar a fala (*décalage*), o tamanho e o número de pausas encontradas durante o processo interpretativo, o tamanho dos segmentos de fala (*i.e.*, número de palavras) e as estratégias de interpretação utilizadas pelos participantes. Os resultados evidenciaram que os perfis em questão apresentaram comportamentos distintos do ponto de vista processual, sobretudo do ponto de vista das estratégias de interpretação, o que sinaliza para uma possível confirmação das hipóteses, as quais, contudo, ainda precisam ser corroboradas por pesquisas envolvendo amostras mais representativas.

Palavras-chave: interpretação; religião; perfil do intérprete; processo interpretativo.

ABSTRACT

Interpretation in evangelical churches is a common practice; however, few are the studies approaching this topic in Brazil. This study aims at initiating an investigation into the interpretive process and the profile of interpreters working in religious settings. In such settings, it is usual to see foreign speakers whose words are interpreted by volunteers who perform adequately despite lacking specific training in interpretation or translation. A questionnaire was applied to three religious interpreters to identify the mode and type of interpretation used in a church in Uberlandia/MG, Brazil, and to determine the profile of the interpreters in this specific church. Then, an experiment was carried out with these three interpreters and two senior students of the Bachelor's Degree in Translation Program at Federal University of Uberlândia. Camstudio Recorder program was used in the experiment to record the interpretation from English into Portuguese of a sermon video divided into segments of variable lengths. The starting point was the hypotheses that (1) the religious interpreters, given their experience and domain knowledge, would have better performances when interpreting worship excerpts imbued with strong biblical references, while (2) the senior translation students, given their specific training, would perform better when interpreting extremely long excerpts. The data obtained in the experiment were analysed building on the lag time between speaker's final words and participants' outputs (*décalage*, or head start), the length and the number of pauses found during the interpretive process, the size of the speech segments (i.e., number of words), and the interpreting strategies used by the participants. The results showed that the two groups of participants (i.e., interpreters and students) performed differently from a processual perspective, especially when it comes to the interpretation strategies. This points to a potential confirmation of the hypotheses, which, however, still need to be corroborated by research involving more representative samples.

Keywords: interpretation; religion; interpreter's profile; interpretive process.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Estratégias de interpretação	21
QUADRO 2 – Avaliação dos comportamentos de interpretação por I1	30
QUADRO 3 – Avaliação dos comportamentos de interpretação por I2	31
QUADRO 4 – Avaliação dos comportamentos de interpretação por I3	33
QUADRO 5 – Transcrição do vídeo 2.1, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	41
QUADRO 6 – Transcrição do vídeo 2.2, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	42
QUADRO 7 – Transcrição do vídeo 2.3, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	43
QUADRO 8 – Transcrição do vídeo 2.4, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	43
QUADRO 9 – Transcrição do vídeo 2.5, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	44
QUADRO 10 – Transcrição do vídeo 2.6, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	44
QUADRO 11 – Transcrição do vídeo 2.7, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	45
QUADRO 12 – Transcrição do vídeo 2.8, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	45
QUADRO 13 – Transcrição do vídeo 2.9, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	46
QUADRO 14 – Transcrição do vídeo 2.10, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	47
QUADRO 15 – Transcrição do vídeo 2.11, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	47
QUADRO 16 – Transcrição do vídeo 2.12, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	48
QUADRO 17 – Transcrição do vídeo 2.13, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	49

QUADRO 18 – Transcrição do vídeo 2.14, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	49
QUADRO 19 – Transcrição do vídeo 2.15, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	50
QUADRO 20 – Transcrição do vídeo 2.16, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	51
QUADRO 21 – Transcrição do vídeo 3.1, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	52
QUADRO 22 – Transcrição do vídeo 3.2, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	54
QUADRO 23 – Transcrição do vídeo 3.3, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	56
QUADRO 24 – Transcrição do vídeo 3.4, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	57
QUADRO 25 – Transcrição do vídeo 3.5, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	58
QUADRO 26 – Transcrição do vídeo 3.6, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	59
QUADRO 27 – Transcrição do vídeo 3.7, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	62
QUADRO 28 – Transcrição do vídeo 3.8, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	63
QUADRO 29 – Transcrição do vídeo 3.9, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	64
QUADRO 30 – Transcrição do vídeo 3.10, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas.....	66

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Estratégias de interpretação adotadas por tipo e por participante.....	70
TABELA 2 – Duração de cada fala em segundos	71
TABELA 3 – Tabela de número de palavras	73
TABELA 4 – <i>Décalage</i> , em segundos	74
TABELA 5 – Pausas em segundos durante a interpretação	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 Modalidades e Tipos de Interpretação	15
2.2 Interpretação no Contexto Religioso	17
2.3 Questões Processuais	19
3 METODOLOGIA	24
3.1 Metodologia de Coleta	25
3.2 Metodologia de Análise	27
4 ANÁLISE DOS DADOS	29
4.1 Análise das Respostas ao Questionário	29
4.1.1 Perfil dos participantes da pesquisa	29
4.1.2 A interpretação na igreja em tela	35
4.2 Análise dos Resultados dos Experimentos	40
4.2.1 Análise qualitativa	40
4.2.2 Análise quali-quantitativa	69
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A	88
ANEXO A	90

1 INTRODUÇÃO

Em igrejas missionárias, é comum membros serem enviados como visitantes ou preletores para outras partes do país e do mundo. Nesse tipo de igreja, a prática de interpretação tornou-se algo recorrente, haja vista a frequência de pessoas em eventos dessa comunidade religiosa que vêm de outros países que não falam português e necessitam de intérpretes para se comunicarem. Nesse contexto, este projeto nasceu da experiência da proponente como membro atuante de uma igreja evangélica missionária de Uberlândia, para a qual ela própria atua como intérprete voluntária.

Tanto a tradução – que trabalha com a palavra escrita – como a interpretação – que lida com a palavra falada – são práticas utilizadas em diferentes setores da sociedade (SELESKOVITCH, 1978, p. 148 *apud* PAGURA, 2003, p. 225; SUSAM-SARAJEVA; PÉREZ-GONZÁLEZ, 2012), e grande parte dos trabalhos realizados informalmente são feitos por pessoas sem formação acadêmica nessas áreas. Apesar de se tratar de uma atividade frequente, quase não se encontram na literatura investigações a respeito de interpretações dentro de um contexto religioso (HOKKANEN, 2012), realizadas geralmente de modo informal e voluntário. No caso de algumas igrejas cristãs evangélicas encontradas no Brasil, a equipe de intérpretes é geralmente formada por pessoas falantes nativas do português que têm certa fluência na língua inglesa, mas não possuem qualquer formação acadêmica em tradução ou em interpretação.

Esta monografia visa contribuir para os Estudos da Tradução ao abordar – por meio de aplicação de um questionário prospectivo e da realização de um experimento – a interpretação no contexto religioso, tema pouco explorado na literatura (HOKKANEN, 2012; DOWNIE; KARLIK, 2013). Com os dados coletados a partir deste trabalho, de natureza exploratória justamente por se tratar de um fenômeno do qual pouco se conhece (YIN, 2001), busca-se identificar o perfil do intérprete que atua nesse meio e como essa interpretação acontece a despeito da falta de formação dos voluntários que a realizam. Por se tratar de uma atividade circunscrita a um domínio específico, o religioso, parte-se do pressuposto de que os intérpretes voluntários de igrejas missionárias desenvolveram algumas competências

tradutórias sobretudo em razão do seu conhecimento de domínio (*i.e.*, conhecimento específico da área – no caso, sobre a religião e, especificamente, sobre a Bíblia).

Foram delineadas as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Dentre as modalidades e os tipos de interpretação descritos nos estudos de tradução, em qual se insere a prática da interpretação de uma igreja evangélica de Uberlândia?
2. Qual o perfil do intérprete voluntário dessa comunidade?
3. Comparando-se os intérpretes voluntários com pessoas que investiram em formação em tradução (*i.e.*, alunos formandos do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia), em que medida o conhecimento de domínio pode influenciar na interpretação?
4. Considerando que os intérpretes voluntários geralmente trabalham traduzindo sentença por sentença, qual o impacto de diferentes volumes de informação no desempenho do intérprete?

O objetivo geral da presente monografia é iniciar uma investigação do perfil de intérpretes no contexto religioso brasileiro, marcado pela presença de oradores estrangeiros no Brasil e pela falta de formação específica em interpretação. Para tal, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos, os quais condizem com as perguntas de pesquisa acima:

1. Categorizar a modalidade e o tipo de interpretação realizada por intérpretes voluntários na igreja analisada;
2. Fazer um levantamento das características comuns aos intérpretes voluntários na igreja em questão.
3. Descrever e comparar o desempenho de dois perfis de intérpretes atuando num contexto religioso (*i.e.*, alunos com formação acadêmica em tradução, sem familiarização com a linguagem utilizada em igrejas evangélicas, e intérpretes voluntários sem formação acadêmica na área de tradução, membros da igreja analisada).
4. Observar, mediante a gravação do processo de interpretação, a habilidade/capacidade dos dois perfis de interpretar um mesmo trecho, observando, com base no volume de informações e no conhecimento de domínio demandado, o tempo de reação ao iniciar

a fala, as pausas feitas durante o processo interpretativo, o tamanho dos segmentos de fala e as estratégias de interpretação adotadas.

A fim de atingir os objetivos (1) e (2), utilizou-se para a coleta de dados um questionário prospectivo orientado para o levantamento do perfil do intérprete voluntário de uma igreja evangélica em Uberlândia, bem como de dois alunos formandos do curso de tradução. Foram contatados três intérpretes de uma igreja evangélica, aos quais se solicitou que descrevessem a sua prática de interpretação. A fim de atingir os objetivos (3) e (4), solicitou-se aos intérpretes que realizassem um experimento envolvendo um vídeo com parte de um culto segmentado em trechos com diferentes durações e com diferentes demandas de conhecimento de domínio. Para esse experimento também foram convidados dois alunos formandos do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia. Todos os experimentos foram realizados no mesmo local (sala 226, bloco 1U, *campus* Santa Mônica) e sob as mesmas condições.

Para consecução dos objetivos supramencionados, esta monografia está dividida em seis capítulos, incluindo esta Introdução. No Capítulo 2, apresenta-se uma breve revisão da literatura pertinente. No Capítulo 3, descreve-se as metodologias de coleta e análise dos dados. No Capítulo 4, analisam-se os dados dos questionários e do experimento realizado. No Capítulo 5, discutem-se os resultados à luz do referencial teórico. No Capítulo 6, tecem-se as considerações finais, apontando-se limitações e sugestões para pesquisas futuras.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Embora os Estudos da Tradução abranjam uma área de pesquisa muito ampla, a teoria e a prática da interpretação têm sido pouco exploradas e a própria teoria ainda está sendo “construída” (PAGURA, 2010). No que tange o estudo da interpretação num contexto religioso, essas pesquisas são ainda mais incipientes (DOWNIE; KARLIK, 2013). No Brasil, a prática da interpretação é muito recorrente nas igrejas evangélicas; porém, até onde se pôde pesquisar, não existem trabalhos ou pesquisas sobre o assunto.

O presente capítulo encontra-se dividido em três seções. Na Seção 2.1, abordam-se os tipos e modalidades de interpretação, dando-se destaque a duas perspectivas distintas. Na Seção 2.2, trata-se de aspectos da interpretação relacionados especificamente ao contexto religioso. Na Seção 2.3, explicitam-se definições relacionadas ao processo de interpretação.

2.1 Modalidades e Tipos de Interpretação

As modalidades de interpretação se baseiam em uma combinação de fatores, dentre os quais se destacam: (i) o lapso temporal entre a fala original e a intervenção do intérprete; (ii) o volume de informações proferidas na língua de partida antes da intervenção do intérprete; (iii) os recursos tecnológicos utilizados; e (iv) o posicionamento físico do intérprete.

Segundo Pagura (2003), as modalidades de interpretação mais comumente utilizadas são:

- Interpretação consecutiva – em que o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e reproduz todo o discurso na língua-alvo, normalmente na sua língua materna;
- Interpretação simultânea – em que intérpretes, sempre em duplas, trabalham isolados numa cabine com vidro transparente à prova de som para visualizar o orador, recebem o discurso por meio de fones de ouvido e reproduzem, em um microfone, a fala na língua de chegada, a qual chegará aos ouvintes por meio de fones de ouvido;

- Interpretação intermitente, também chamada *sentence-by-sentence* ou *ping-pong* – em que o intérprete se coloca ao lado do palestrante e traduz o que ele está dizendo. O palestrante fala uma ou duas sentenças curtas e faz uma pausa para que elas sejam interpretadas para o idioma da plateia; e
- Interpretação sussurrada, também chamada de *chuchotage* – em que o intérprete interpreta o discurso de um idioma em voz baixa para seu cliente, sussurrando-lhe o que está sendo dito.

As interpretações consecutiva e simultânea são as modalidades mais estudadas no meio acadêmico e aquelas oficialmente reconhecidas profissionalmente e utilizadas em eventos de caráter internacional. A interpretação intermitente não é comumente estudada por pesquisadores da área e é geralmente utilizada em reuniões pequenas, acordos comerciais e eventos de caráter informal. Segundo Pagura (2003, p. 212), os intérpretes dessa modalidade são desprovidos de treinamento em interpretação. Silva (2013) afirma que a interpretação intermitente é a modalidade que mais prevalece no contexto religioso; porém, em seu trabalho essa afirmação não está pautada por pesquisas que confirmem essa declaração.

Já os tipos de interpretação levam em conta o contexto e a finalidade do ato, ou seja, a situação de uso e o objetivo de comunicação (JIMÉNEZ-IVARS, 2002). Como exemplo de tipos de interpretação temos interpretação de conferência, interpretação comunitária, interpretação em tribunais, interpretação de acompanhamento ou ligação e interpretação médica (PAGURA 2003, p. 212). Geralmente, o tipo de interpretação determina a modalidade a ser utilizada: no caso de interpretação de conferência, adotam-se geralmente as modalidades consecutiva ou simultânea; no caso de interpretação comunitária, há usualmente as modalidades intermitente ou sussurrada.

Sob outra perspectiva, Jiménez-Ivars (2002) identifica apenas duas modalidades básicas de interpretação, as quais são condicionadas pelo ritmo de enunciação do texto de partida: (i) na consecutiva, o texto de partida oral é enunciado com interrupções para posterior produção oral da reformulação na língua de chegada; e (ii) na simultânea, o texto de partida oral é enunciado sem interrupção e há produção oral paralela da reformulação na língua de chegada. Em se tratando especificamente da modalidade consecutiva, Jiménez-Ivars (2002, p. 49) apresenta duas submodalidades: a “interpretação dialógica” e a “interpretação monológica”. A primeira consiste em um diálogo, uma interpretação bilateral, ou seja, o intérprete faz reformulações

nas duas línguas de trabalho, apresentando ao falante A o que foi dito pelo falante B e vice-versa. Já a segunda corresponde “à reformulação de uma frase na língua de chegada em forma de um monólogo durante as pausas que o orador faz de vez em quando”¹ (JIMÉNEZ-IVARS, 2002, p. 60).

2.2 Interpretação no Contexto Religioso

Segundo Shin (2013), a interpretação de cultos evangélicos na Coreia apresenta características muito próximas às da interpretação de conferência e da interpretação comunitária. Entende-se por interpretação de conferência aquela “que ocorre em conferências internacionais, bem como outros contextos importantes, como palestras, transmissões de televisão ou reuniões de cúpula” (PÖCHHACKER, 2004, p. 16)². Por sua vez, entende-se por interpretação comunitária

... qualquer tipo de interpretação dirigida a um cliente e um prestador de serviços dentro de contexto hospitalar, forense, judiciário e similares. Serve àqueles que vêm de outros países, imigrantes ou os que buscam asilo político como refugiados, a se comunicarem e acessarem os serviços educacionais, judiciários e médicos daquele país em que residem agora, mas não sendo fluentes na língua, necessitam da ajuda de um intérprete. (ORIGUELA, 2014, p. 226)

Essa interpretação ocorre por meio de um diálogo bidirecional, no qual o intérprete fala fluentemente nas duas línguas. “Ela acontece em ambientes íntimos, nos quais aspectos particulares e delicados da vida de alguém têm de ser compartilhados por meio de um intérprete” (ORIGUELA, 2014, p. 227). Geralmente, os intérpretes comunitários são chamados *ad hoc*.

A despeito da falta de treinamento específico, os intérpretes comunitários, assim como os intérpretes voluntários de igrejas evangélicas, parecem ser capazes de realizar adequadamente as suas tarefas. Uma possível explicação para tal parece estar em Scardamalia e Bereiter (1991), que versam sobre expertise. Embora não tenham formação específica em tradução ou interpretação, esses indivíduos adquiriram certo grau de expertise na interpretação de cultos.

¹ Tradução minha de: “Consiste en la reformulación en lengua de llegada de un texto de partida enunciado en forma de monólogo durante las pausas que el orador realiza cada cierto tiempo.

² Tradução minha de: “... which occurs in international conferences as well as other high-profile settings such as lectures, television broadcasts or summit meetings.”

Como explicam os autores, o conhecimento, a experiência e a prática levam ao domínio de uma área específica. O experto é aquele que tem conhecimento de domínio e tende a utilizar os recursos de forma a otimizar/aperfeiçoar seu trabalho. Nesse caso, pressupõe-se que o intérprete voluntário consegue realizar seu trabalho com propriedade, a despeito da falta de formação em interpretação e a despeito de não tomar notas durante o processo, porque tem conhecimento de domínio, ou seja, entende do assunto e do discurso religioso.

Nida (1964, p. 150 *apud* PAGURA, 2003, p. 230) afirma que é necessário muito mais que um conhecimento satisfatório da língua a ser interpretada, ou seja, a compreensão do sentido geral do texto não é o suficiente; além do conteúdo principal da mensagem, o intérprete “deverá entender as sutilezas de significado, o valor emotivo significativo das palavras e as características estilísticas que determinam o ‘sabor e sentimento’ da mensagem”. Para explicar como essa compreensão ocorre, podemos utilizar a teoria dos três tipos básicos de “complementos cognitivos” de Lederer (1990, p. 56-57 *apud* PAGURA, 2003): contexto verbal, contexto situacional e contexto cognitivo. O contexto verbal diz respeito à compreensão pela interação significativa das palavras contidas na memória de trabalho: “a fala é enunciada por meio de um fluxo contínuo de palavras, cada palavra contribuindo para o significado das palavras a seu redor e tornando-se mais específica pelas demais palavras que a acompanham” (1990, p. 56-57 *apud* PAGURA, 2003, p. 220). O contexto situacional está relacionado ao ambiente no qual a interpretação acontece; nesse contexto, o intérprete consegue ter uma visão mais ampla do seu papel, quando em contato com o participante e ouvintes. A junção desses dois contextos elimina a multiplicidade de sentidos das palavras, ou seja, a polissemia, o que gera maior fluência ao interpretar. O contexto cognitivo trata da utilização da memória das coisas ditas anteriormente para compreender as sentenças sendo enunciadas.

Outro fator que contribui para essa compreensão do “sabor e sentimento” da mensagem está ligado diretamente ao que Marcuschi (2007, p. 117 *apud* LOPES, 2011, p. 3206) afirma: “Seguramente, os conhecimentos mútuos serão maiores se formos da mesma comunidade e partilharmos certas normas sociais ou uma série de outros aspectos culturais”. Esse conhecimento mútuo de “um texto partilhado ao longo do tempo por uma comunidade confere-lhe traços comuns de linguagem” (LOPES 2011, p. 3206). Para que isso aconteça, é preciso que o intérprete já esteja inserido numa comunidade discursiva sendo possivelmente capaz de entender as “sutilezas de significado” dos textos dessa comunidade. Vale aqui

sublinhar que, no caso da presente pesquisa, os textos da comunidade religiosa podem ser classificados como “sensíveis”. Simms (1997 *apud* LOPES, 2009, p. 67) classifica como textos sensíveis “aqueles que podem ser contraditórios ao Estado; à religião; ao pudor; ou aos cidadãos comuns”. Essa sensibilidade é advinda de uma possível reação do receptor – seja ela positiva ou negativa – à tradução/interpretação desse tipo de texto.

2.3 Questões Processuais

Dado o conhecimento de domínio do intérprete voluntário, pode-se cogitar a possibilidade de que ele trabalhe com o que Alves e Pagura (2002) chamam de suposições contextuais, ou seja, elementos que podem possuir valores comunicativos de significância cultural no ato de traduzir/interpretar, os quais são adquiridos pelo conhecimento de mundo e habilidades cognitivas do tradutor/intérprete. O intérprete, ao fazer uso do seu conhecimento de domínio, é capaz de extrair informações que não estão diretamente acessíveis na fala do orador, mas que fazem parte do contexto e do seu conhecimento de mundo. Fazendo suposições contextuais, o intérprete é capaz de fazer inferências que lhe permitem tomar decisões e resolver problemas de tradução/interpretação. De acordo com Lederer (2003, p. 29) o conhecimento de mundo, também chamado “conhecimento enciclopédico”, inclui todo o conhecimento linguístico e extralinguístico armazenado na memória de trabalho e pode ser reativado a qualquer momento tanto por estímulo interno quanto externo. “[É] composto de representações mentais de fatos, experiência, eventos significativos e emoções. Esse conhecimento também advém do conhecimento teórico, imaginação, resultado de reflexões, fruto de leituras, ou cultura em geral e conhecimento especializado.”

De todo modo, mesmo sendo capaz de realizar suas tarefas com propriedade e de fazer inferências com base em seu conhecimento de domínio, há de se levar em consideração que o intérprete voluntário, como qualquer ser humano, tem uma memória de trabalho limitada. A memória de curto prazo, denominada memória de trabalho, armazena informações por um período de tempo limitado e a interferência de novos segmentos/informações contribui para o esquecimento e não retenção de segmentos previamente traduzidos (DRAGSTED, 2004, p. 37).

De acordo com Miller (1967 *apud* DRAGSTED 2004, p. 43), a memória de trabalho armazena e recorda unidades de informação não somente na forma de palavras, mas também de sintagmas e orações, em blocos por ele chamados de “*chunks*” (trechos/pedaços). Esses *chunks* são definidos por Miller como um grupo de itens que armazenados como unidades, são familiares à memória de longo prazo. Com base em experimentos, Ericsson e Kintsch (1995 *apud* DRAGSTED, 2004, p. 45) chegaram à conclusão de que a capacidade confiável da memória de trabalho em armazenar informações é aproximadamente de três a quatro *chunks*, mas acreditam que os indivíduos podem aumentar a capacidade da memória de trabalho, uma vez que as informações são processadas dentro de um domínio específico em que eles adquiriram conhecimento especializado (DRAGSTED, 2004). Ainda sobre esse assunto, tanto no processo escrito como no oral, o profissional da tradução “faz uso de sua memória das coisas ditas anteriormente a fim de compreender as sentenças sendo enunciadas” (LEDERER 1990, p. 57 *apud* PAGURA, 2003, p. 220).

Com a aplicação da junção de todos esses elementos que compõem a interpretação (memória, inferências, suposições contextuais), podemos compreender a Teoria Interpretativa da Tradução (SELESKOVITCH, 1978, p. 9 *apud* PAGURA, 2012), que apresenta três estágios. No primeiro estágio, ocorre a percepção auditiva: o intérprete busca entender o componente linguístico, quem está falando sobre o assunto (orador), o contexto, o tipo de discurso (*e.g.*, vulgar, informal, formal, culto, ou erudito) e conhecer o público (destinatário). No segundo estágio, ocorre a desverbalização, ou seja, o abandono da mensagem original; nesse estágio, o intérprete precisa buscar o que é relevante e significativo e deixar aquilo que é supérfluo, pois as palavras são passageiras e transitórias, mas o conteúdo permanece. No terceiro e último estágio, ocorre a reverbalização, ou seja, a produção de um novo enunciado, que tem como objetivo reconstruir o conteúdo da mensagem e atender ao destinatário. Vale apontar que a produção da qualidade de um novo enunciado (reverbalização) também depende da velocidade da fala, o que inclui entonação e ritmo – que determinam a “taxa de entrada, apresentação ou entrega” (PÖCHHACKER, 2004, p. 130). Segundo um estudo feito por Gerver (1971 *apud* Pöchhacker 2004, p. 129), “as pistas prosódicas como pausas, tonicidade silábica e entonação, ajudam o intérprete a segmentar e processar a mensagem no idioma de origem”.³

³ Tradução minha de: “prosodic cues like pauses, stress and intonation assist interpreters in segmenting and processing the source language message.”

Existem diversas estratégias que podem ser adotadas pelo intérprete para a reverbificação. Estratégias são “procedimentos intencionais e orientados por objetivos para resolver problemas resultantes da falta de conhecimento ou de limitações da capacidade de processamento do intérprete ou para facilitar a tarefa do tradutor e evitar potenciais problemas”⁴ (LI, 2013, p. 106). Na literatura sobre interpretação, pode-se encontrar mais de 30 estratégias (LI, 2013, p. 109), com diferentes nomes e diferentes abordagens, dependendo do autor. O QUADRO 1, a seguir, disponibiliza aquelas encontradas no experimento realizado e apresentado nos Capítulos 3 e 4.

QUADRO 1 – Estratégias de interpretação

Estratégia	Definição
Condensação	O significado original é reverbificado pelo intérprete de uma forma mais concisa e genérica, geralmente com a omissão de todas as informações repetitivas, redundantes ou sem importância.
Expansão	O intérprete adiciona informações ou expande o discurso-fonte, a fim de transmitir melhor ou esclarecer a mensagem e evitar informações obscuras no discurso-alvo.
Inferência	O intérprete recupera informações perdidas ou incompreensíveis com base no contexto de fala e no seu conhecimento geral.
Omissão	O intérprete utiliza período de silêncio e pausas nos quais determinadas mensagens não são interpretadas em função de problemas de compreensão, leitura de notas ou falha na memória.
Reformulação	O intérprete tenta inventar algo que seja mais ou menos plausível no contexto ou substituir elementos que não são compreendidos com os elementos mentalmente disponíveis por causa de falha na compreensão, na tomada de anotações ou na leitura delas, a fim de não fazer pausas ou deixar uma sentença incompleta.
Reparo	O intérprete percebe que algo já dito foi mal interpretado ou pode ser interpretado de modo melhor e, então, decide fazer um Reparo.
Repetição	O intérprete repete elementos previamente interpretados por meio de sinônimos ou sintagmas sinonímicos como forma de aprimorar a precisão lexical ou gerar mais tempo para organizar as ideias e a linguagem.
Reestruturação	O que é transmitido pelo orador em determinada posição do discurso-fonte é interpretado em posição diferente no discurso-alvo.

Fonte: baseado em LI, 2013, p. 110-113.

⁴ Tradução minha de: “... strategies are intentional and goal-oriented procedurals to solve problems resulting from the interpreters’ processing capacity limitations or knowledge gap, or to facilitate the interpreter’s task and prevent potential problems.”

Como se pode depreender do QUADRO 1, ao comparar uma fala em uma língua de partida com a respectiva interpretação na língua de chegada, geralmente os linguistas baseiam suas análises nas correspondências, ou não, entre o conteúdo das mensagens nas duas línguas. No entanto, além dessas estratégias que envolvem o conteúdo linguístico, também é possível adotar estratégias de oralidade, como pausas e hesitações, bem como estratégias de anotação. Para Goldman-Eisler (1967 *apud* PÖCHHACKER 2004, p. 125), a pausa pode ser representada tanto por um silêncio quanto por sons de hesitação, como “ah” e “eh”. Trata-se de uma “janela” essencial na organização da atividade cognitiva com relação à produção da fala. Nos estudos processuais da tradução (*e.g.*, ALVES, 2003), pausas superiores a determinado valor (em geral, 2, 4, 3 ou 5 segundos) sinalizam esforço cognitivo, ou seja, processamento que demanda mais recursos cognitivos do que o normal. Em interpretação consecutiva, Mead (2000 *apud* PÖCHHACKER, 2004, p. 126) aponta que a proporção média de tempo de pausa é de 11 segundos para intérpretes profissionais e 20 segundos para estudantes de interpretação. Em contrapartida, Anderson (1994), em sua análise sobre a tradução simultânea, encontrou em média 3 segundos de lapso de tempo (pausa), também chamado de *décalage* (em francês) ou *head start* (em inglês) – corresponde ao tempo entre a fala original e a reprodução da fala do intérprete.

Nesta pesquisa foram selecionados excertos para os quais, pelo seu tempo de duração, é necessário que o intérprete utilize a modalidade consecutiva. Para essa modalidade, o intérprete, além de utilizar a memória, ainda precisa fazer anotações para que tenha sucesso em sua interpretação. As anotações “servem para ajudar a memória como dispositivos de armazenamento externo (para números e nomes, por exemplo) e como sugestões para a recuperação de estruturas conceituais memorizadas ou padrões de sentido”⁵ (PÖCHHACKER, 2004, p. 123). Por ser humanamente impossível a transcrição do que foi dito, o que ficam são as intenções do falante, e não as palavras. Para esse recurso de auxílio à memória, espera-se que o intérprete utilize algumas técnicas de anotação, como: começar a anotar quando ouvir algo de conteúdo, cultivar o hábito de escrever menos e utilizar mais símbolos (que signifiquem alguma coisa), utilizar o sistema diagonal (sujeito-verbo-complemento), anotar de forma que dê para entender, anotar na língua de chegada, observar a lista de abreviações internacionais, deletar as vogais (não utilizá-las nas palavras anotadas).

⁵ Tradução minha de: “serve to support memory both as external storage devices (*e.g.* for numbers and names) and as retrieval cues for memorized conceptual structures or patterns of sense.”

Vale lembrar que não existem normas obrigatórias para fazer anotações, ou seja, é válido qualquer coisa que sirva de apoio para guiar a exposição do que será dito.

No Capítulo 3, a seguir, evidencia-se a metodologia adotada na presente pesquisa, apresentando-se os materiais e métodos utilizados, bem como os critérios de análise adotados.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa contou com a participação de: (i) três membros da igreja, dois sem formação acadêmica em tradução/interpretação e um com formação acadêmica tanto em tradução como em interpretação, sendo que todos eles trabalham voluntariamente como intérpretes nos eventos da igreja em questão; e (ii) dois alunos formandos em tradução pela Universidade Federal de Uberlândia, ambos os quais cursaram uma disciplina de interpretação e não tinham conhecimento de domínio do meio evangélico em particular. O convite dos cinco participantes foi feito pessoalmente pela autora deste projeto. Para que a pesquisa fosse realizada de forma ética, os participantes foram informados sobre todos os objetivos e procedimentos envolvidos e, após esclarecimentos, solicitou-se-lhes que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mediante o qual declararam que estavam cientes de sua participação no estudo e autorizaram a pesquisadora e seu orientador a utilizar as informações tanto do questionário quanto da gravação (em áudio) do experimento realizado (*cf.* Seção 3.1).

Com a aprovação do Comitê de Ética (número CAAE 41063114.5.0000.5152, Parecer 989.149), foi conduzida uma pesquisa exploratória, qualitativa e descritiva (YIN, 2001). A pesquisa foi iniciada com a aplicação de um questionário que, utilizando os procedimentos apresentados em Hale e Napier (2014), vise obter uma resposta às perguntas de pesquisa 1 e 2, apresentadas no Capítulo 1. Em seguida, foi realizado um experimento em laboratório com vistas à obtenção de uma possível resposta às perguntas de pesquisa 3 e 4. Determinadas perguntas do questionário, sobretudo a última, também foram correlacionadas com alguns resultados do experimento.

As Seções 3.1 e 3.2, a seguir, descrevem, respectivamente, a metodologia de coleta e a metodologia de análise de dados adotada na presente pesquisa.

3.1 Metodologia de Coleta

O questionário foi constituído de duas partes com questões abertas e fechadas (*cf.* APÊNDICE A). A primeira foi direcionada a identificar o perfil dos intérpretes voluntários (*e.g.*, idade, onde aprendeu inglês e há quanto tempo pratica a língua). A segunda parte teve o objetivo de obter informações a respeito do trabalho como intérprete voluntário. As perguntas e respostas foram gravadas em áudio no dia da realização do experimento. Antes da aplicação, o questionário foi avaliado pelo orientador e testado com uma intérprete da igreja que não participou do experimento. As avaliações do orientador e o *feedback* da intérprete permitiram a consolidação de um questionário mais robusto para aplicação na coleta de dados definitiva.

Para a realização de um experimento, foi selecionado um vídeo extraído da Internet⁶, de oito minutos e trinta e nove segundos, contendo parte de um culto a ser interpretado pelos cinco participantes da pesquisa. A seleção do vídeo foi feita com base no conhecimento de domínio demandado, dando-se preferência a um culto que envolveu uma temática bastante específica da igreja e continha diversas referências bíblicas. Esses 8 minutos e 39 segundos de vídeo foram separados em três partes (Partes 1, 2 e 3 respectivamente) contendo excertos de diferentes tamanhos que foram produzidos utilizando o *software* iMovie. Cada segmento de vídeo podia ser acessado *on-line* utilizando o navegador Mozilla Firefox, havendo uma página inicial de instruções e um botão de NEXT para que cada intérprete desse continuidade à interpretação conforme seu próprio desenvolvimento, ou seja, sem pressão de tempo.⁷

Na primeira parte, de 50 s, o intérprete teve a liberdade de parar, voltar e ouvir quantas vezes desejasse para interpretar o trecho. O intuito da primeira parte foi fazer com que os participantes se familiarizassem com o ambiente (*e.g.*, fone de ouvido e voz do orador) e se sentissem mais à vontade para a gravação. Nas partes 2 e 3, o intérprete ouviu cada excerto apenas uma vez e reproduziu a versão em língua portuguesa toda vez que o vídeo parava, sem pressão de tempo para dar início e fornecer a sua interpretação. A Parte 2 do vídeo (0:50 – 1:42 = 52 s) foi dividida em 16 segmentos que variam de 1 a 7 s, e a Parte 3 foi dividida em dez segmentos (1:42 – 8:39 = 6’57”) que variam de 4 s a 2 min. A ideia foi que a Parte 2

⁶ AMAZING FACTS. A river of life. 24’49”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aDEcFyqD2Q0>>. Acesso em 20 jan. 2015.

⁷ O vídeo, em sua versão utilizada no experimento, pode ser acessado *on-line*. Disponível em: <<http://ials03.wix.com/contextoreligioso>>. Acesso em 10 jul. 2015.

contivesse excertos que demandassem bastante conhecimento de domínio, em função das referências bíblicas, e que a Parte 3 contivesse excertos que demandassem volumes variáveis de retenção de informações para fins de tradução.

As verbalizações foram gravadas usando o computador pessoal do orientador (Windows 8, Intel Core i7, 3,4 GHz, 8 GB RAM, HD 500 GB), no qual havia um microfone embutido, ao qual foi conectado um fone de ouvido JBL E50BT (com bom poder de isolamento de ruídos externos) e no qual foi instalado o *software* Camstudio Recorder. O referido computador se encontra no bloco U, gabinete 226. Nos dias das coletas de dado, apenas o participante e a pesquisadora ficaram presentes dentro do gabinete, sendo também afixada uma placa na porta avisando que não se podia bater nem entrar em função da realização do experimento. Em todo o processo da gravação do vídeo foram disponibilizados aos intérpretes papéis e caneta caso necessitassem anotar algo para a interpretação.

A pesquisadora ficou presente para fins de observações diretas e auxílio aos participantes em caso de dúvidas e problemas técnicos. O orientador, embora não tenha ficado presente no gabinete durante as coletas, cumprimentou os participantes e ficou nas proximidades para socorrer a pesquisadora em caso de qualquer dificuldade técnica ou relacionada aos procedimentos de pesquisa.

Para essa coleta, buscou-se levantar subsídios para corroborar ou refutar as seguintes hipóteses:

H1: o intérprete que está familiarizado com o assunto em questão (*i.e.*, tem conhecimento de domínio para aquela tarefa) tem maiores chances de desempenhar uma interpretação com menor esforço do que um intérprete sem conhecimento de domínio na área (*i.e.*, alunos formandos do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia); e

H2: Um volume grande de informações, traduzido em períodos prolongados de fala do orador, afetará negativamente o desempenho do intérprete.

Trata apenas de subsídios porque, dado o tamanho da amostra e a natureza exploratória dessa pesquisa, os resultados encontrados fornecem simples indícios para que futuras pesquisas possam abordar a temática com uma amostra mais representativa.

3.2 Metodologia de Análise

Mediante comparação entre as descrições sobre tipos de interpretação encontradas na revisão da literatura e as respostas ao questionário, que foram transcritas após a gravação, foi realizada uma análise da modalidade e do tipo de interpretação utilizada na igreja em tela. As respostas ao questionário também foram utilizadas para levantar o perfil dos intérpretes participantes da pesquisa: inicialmente foi feito um levantamento do perfil individual (*cf.* Subseção 4.1.1) e, em seguida, buscam-se características em comum entre os depoimentos dos participantes da igreja, a fim de determinar como é caracterizada a interpretação no contexto religioso em questão (*cf.* Subseção 4.1.2).

A gravação obtida nos experimentos foi analisada utilizando-se os seguintes programas:

- Camstudio Recorder – para gravação da interpretação em vídeo (somente a voz e a tela do computador);
- Subtitle Workshop – para verificar juntamente com o vídeo gravado o tempo de duração de cada fala;
- Free Video to Audio Converter 2015 – para transformar o vídeo da interpretação gravada em áudio que pudesse ser lido e trabalhado no programa Audacity;
- Audacity – para uma melhor precisão com relação às pausas, principalmente durante o processo interpretativo. Com esse programa, foi possível identificar pausas curtas, de pelo menos 3 segundos, tomando como base as representações gráficas das ondas dos áudios. Em outras palavras, por pausas se entende que se trata de intervalos superiores a 3 segundos, nas quais não se registra qualquer fala com produção de sentido; ou seja, marcadores de hesitação foram interpretados como instâncias de pausa.

Sendo assim, com os programas supramencionados, foi possível coletar e analisar o tempo de reação do intérprete ao iniciar a fala (*décalage*) e o tamanho e o número de pausas feitas durante o processo interpretativo. Além disso, o Word foi utilizado para verificar o tamanho dos segmentos de fala, ou seja, o número de palavras de cada segmento, e para organizar, em

tabelas, os textos produzidos e anotações realizadas, bem como para identificar o tipo e a quantidade de estratégias de tradução (*e.g.*, omissão, inferência) utilizadas pelos intérpretes (*cf.* QUADRO 1).

Para a identificação das estratégias, utilizaram-se, além daquelas encontradas no QUADRO 1, as categorias de hesitação, reverbalização literal, trecho não interpretado e erro de interpretação. Embora não sejam categorias previstas no referido quadro, constatou-se que não interpretar ou interpretar errado podem ter sido escolhas dos participantes em detrimento de, por exemplo, omitir uma passagem mal compreendida ou dar início a uma interpretação e interrompê-la por medo de erro. Em se tratando da hesitação, ela foi identificada apenas para evidenciar uma tentativa do intérprete de sinalizar para os ouvintes que ele ainda estava processando determinado trecho do vídeo. Por fim, no que diz respeito à reverbalização literal, a literatura da área, talvez por dar pouca atenção à tradução intermitente, não discute a literalidade como possível estratégia de interpretação, mas esse dado foi evidenciado na Parte 2 do experimento (*cf.* Capítulo 4).

Os resultados quantitativos referentes à duração das falas, ao tempo de reação, às pausas, aos números de palavras e à quantidade de estratégias por tipo foram processados no Excel e no SPSS para a realização de estatísticas descritivas e testes estatísticos. Foram utilizados testes F e correlações de Pearson, conforme a pertinência.⁸ Estabeleceu-se o nível de significância em 5% ($p < 0,05$) e utilizaram-se as médias para fins de comparação entre grupos.

As análises são apresentadas no Capítulo 4, a seguir, seguido de uma discussão dos resultados no Capítulo 5. Para a transcrição tanto das falas quanto das anotações, que serão apresentadas em tabelas na Subseção 4.2.1, a pesquisadora buscou ser o mais fiel possível ao que foi dito, não descartando as marcas de oralidade.

⁸ As análises estatísticas foram realizadas por Caio Henrique Garcia, aluno do curso de Estatística, bolsista de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, subprograma curso noturno (2014PBG000883).

4 ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo está dividido em duas seções. Na primeira, apresentam-se os resultados dos questionários. Na segunda, explicitam-se os resultados do experimento, apresentando-se dados qualitativos (Seção 4.2.1) e dados quali-quantitativos (Seção 4.2.2).

4.1 Análise das Respostas ao Questionário

Esta seção apresenta o perfil dos participantes e uma descrição do processo tradutório na igreja evangélica abordada na presente pesquisa.

4.1.1 Perfil dos participantes da pesquisa

Os participantes da igreja foram identificados pela letra I seguida de um número de 1 a 3 atribuído conforme a ordem que cada participante compareceu para a realização das coletas. Os participantes do Curso de Bacharelado em Tradução foram identificados pela letra T seguida de um número de 1 a 2, atribuído conforme a ordem que cada participante compareceu para a realização das coletas. Os dados são apresentados a seguir por participantes.

Intérprete I1

I1 é do sexo masculino, tem 54 anos, interpreta voluntariamente há mais de 15 anos. Tem contato com a língua inglesa desde 1979 e fala o idioma fluentemente. Mora na Inglaterra há mais de 12 anos, é professor de inglês (tendo alunos de diferentes nacionalidades) e trabalha como intérprete comunitário para duas agências de interpretação, prestando serviços por demanda em hospitais e corte. Já traduziu materiais de cunho religioso, interpreta constantemente em uma igreja com membros de países diferentes, na qual exerce um cargo de responsabilidade (*i.e.*, é pastor), e às vezes é convidado por outras igrejas para interpretar. Segundo ele, 5% de sua renda é resultante da prestação de serviços de interpretação. Não tem formação em tradução ou interpretação, mas fez um curso rápido de interpretação na

Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo – de aproximadamente seis meses em 2002, antes de ir morar na Inglaterra. Atualmente está cursando um PGCE (Postgraduate Certificate in Education). Em relação à sua experiência com o experimento, I1 afirmou: “Foi legal. É necessário. Foi tranquilo.”

No que diz respeito à avaliação das estratégias a serem adotadas durante a interpretação no contexto religioso, I1 apresentou as respostas constantes no QUADRO 2. Esse quadro foi elaborado com base naquele aplicado na pesquisa realizada por Shin (2013).

QUADRO 2 – Avaliação dos comportamentos de interpretação por I1

Comportamento de Interpretação		Não é importante ←→ É muito importante				
		1	2	3	4	5
1)	Ser fiel à mensagem original					X
2)	Fazer pequenas adições para proporcionar entendimento					X
3)	Fazer pequenos cortes para proporcionar entendimento				X	
4)	Interpretar de forma que soe natural				X	
5)	Reproduzir a entonação do palestrante				X	
6)	Reproduzir a expressão corporal do palestrante				X	
7)	Falar na mesma velocidade do palestrante				X	
8)	Ter espontaneidade				X	
9)	Usar adequadamente as expressões e terminologias próprias da linguagem bíblica				X	
10)	Acreditar no que está interpretando			X		

Como se pode observar, I1 acredita que todos os comportamentos são importantes, atribuindo menor valor a “acreditar no que está interpretando”. O escore 3 para esse comportamento está relacionado, na sua opinião, com o fato de que há diferentes correntes na igreja evangélica, sendo possível que ele, ao ser fiel à mensagem original (uma das duas estratégias com escore máximo, 5), executa uma interpretação adequada, porém contendo uma mensagem na qual ele não acredita inteiramente.

Intérprete I2

I2 é do sexo feminino, tem 29 anos, é bacharel em Letras, com habilitação Tradutor-Intérprete, pela Universidade de Franca em Letras e mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília. Fala inglês fluente e espanhol intermediário. Morou nos Estados Unidos por um ano e meio no âmbito de um programa de *trainee*, com o intuito de aperfeiçoar o idioma e conhecer a cultura. Segundo ela, essa experiência proporcionou-lhe direcionamento profissional e acadêmico. Faz traduções desde a graduação e passou em um concurso de tradutor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, onde trabalha, efetivamente, prestando serviços de tradução e, esporadicamente, de interpretação. Sua experiência em interpretação foi basicamente durante a graduação, que durou três anos. Na graduação, teve pelo menos uma disciplina de interpretação ofertada durante cada período, sendo o primeiro ano de cunho mais teórico e ficando as disciplinas práticas mais para o final do curso.

No que diz respeito à avaliação dos comportamentos a serem adotados durante a interpretação no contexto religioso, I2 apresentou as respostas constantes no QUADRO 3.

QUADRO 3 – Avaliação dos comportamentos de interpretação por I2

Estratégias de Interpretação		Não é importante ←→ É muito importante				
		1	2	3	4	5
1)	Ser fiel à mensagem original					X
2)	Fazer pequenas adições para proporcionar entendimento				X	
3)	Fazer pequenos cortes para proporcionar entendimento				X	
4)	Interpretar de forma que soe natural				X	
5)	Reproduzir a entonação do palestrante					X
6)	Reproduzir a expressão corporal do palestrante			X		
7)	Falar na mesma velocidade do palestrante		X			
8)	Ter espontaneidade				X	
9)	Usar adequadamente as expressões e terminologias próprias da linguagem bíblica					X
10)	Acreditar no que está interpretando					X

Na avaliação de I2, a maioria dos comportamentos tem importância. No entanto, um comportamento tem pouca importância na sua opinião, qual seja, “falar na mesma velocidade do palestrante” e outro tem importância intermediária, qual seja, “reproduzir a expressão corporal do palestrante”. Talvez essas avaliações, que destoam daquelas apresentadas por I1 e I3, estejam relacionadas com o fato de que essa participante realiza apenas interpretações em filas de oração, onde não se expõe a uma grande plateia (*cf.* Subseção 4.1.2).

Em relação ao experimento, I2 pediu desculpas pelo que, na sua opinião, foi um mau desempenho. Contudo, afirmou: “Achei fantástico. É um trabalho muito legal e eu não tenho conhecimento de nenhum trabalho desse molde seu. Estou curiosa e quero ter acesso a esse trabalho. Parabéns pela iniciativa.”

Intérprete I3

I3 é do sexo feminino, tem 53 anos, é pastora e professora de uma faculdade particular de Teologia. É formada em Teologia e possui três especializações: Docência do Ensino Superior, Ciência da Religião e Dependência Química e Comportamental. Não tem formação em tradução ou interpretação e nunca frequentou qualquer curso ou palestra nessas áreas. Deu aula de inglês em escolas particulares por mais de dez anos. Sua língua materna é o inglês, que utiliza para comunicar-se com seus pais. Com um ano de idade veio morar no Brasil; retornou para os Estados Unidos aos dez anos de idade, onde morou por mais um ano e voltou para o Brasil. Fez muitas viagens durante a infância e adolescência e viajou muitas vezes para os Estados Unidos. Já fez algumas traduções esporádicas e interpreta nos cultos da igreja, quando preletores de outros países que falam inglês vêm ministrar em sua igreja. Uma vez foi convidada para interpretar, como voluntária, uma palestra na Universidade Federal de Uberlândia.

O QUADRO 4 mostra as respostas de I3 para a avaliação dos comportamentos de interpretação. Como se pode observar, I3 atribuiu alta importância a praticamente todos os comportamentos sinalizados, à exceção de “fazer pequenas inserções para proporcionar entendimento”, com escore 4, e “fazer pequenos cortes para proporcionar entendimento”, com escore 3.

QUADRO 4 – Avaliação dos comportamentos de interpretação por I3

Comportamentos de Interpretação		Não é importante ←→ É muito importante				
		1	2	3	4	5
1)	Ser fiel à mensagem original					X
2)	Fazer pequenas adições para proporcionar entendimento				X	
3)	Fazer pequenos cortes para proporcionar entendimento			X		
4)	Interpretar de forma que soe natural					X
5)	Reproduzir a entonação do palestrante					X
6)	Reproduzir a expressão corporal do palestrante					X
7)	Falar na mesma velocidade do palestrante					X
8)	Ter espontaneidade					X
9)	Usar adequadamente as expressões e terminologias próprias da linguagem bíblica					X
10)	Acreditar no que está interpretando					X

Em relação ao seu desempenho no experimento, I3 afirmou: “Achei o vídeo excelente e gostaria de ouvir o resto da Palavra. Pena que [...] não deu para guardar tudo. Achei muito válido e quero saber como foi o resultado da pesquisa, se foi satisfatório.”

Intérprete T1

T1 é do sexo masculino, tem 21 anos e, na época da coleta de dados, cursava o sétimo e último período de Tradução. Tem contato com inglês desde os dez anos de idade, por meio de *videogames* e hoje é fluente nessa língua. Frequentou uma escola de idiomas por um ano apenas para adquirir um diploma de proficiência da língua inglesa. Já deu aula de inglês por um ano em escola de ensino fundamental. Morou dez meses fora do país, em Portugal, com o propósito de acrescentar essa experiência ao seu currículo e aumentar sua habilidade de tradução. Foi membro da Babel, Empresa Junior do Curso de Tradução, por dois anos, na qual aperfeiçoou seu trabalho como tradutor. Hoje, 75% de sua renda é advinda da tradução. Trabalha como tradutor *freelance*. Não se considera um intérprete, tendo seu único contato com interpretação ocorrido no sexto período devido a uma disciplina obrigatória do curso de

graduação. Nesse período, teve algumas experiências de interpretação sobre assuntos variados. Também participou de algumas palestras sobre tradução e interpretação durante o curso. Achou um pouco “tenso” realizar o experimento, mas acredita que a sua interpretação foi, no geral, satisfatória.

Intérprete T2

T2 é do sexo feminino, tem 23 anos e, na época da coleta de dados, cursava o sétimo e último período de Tradução. Começou a frequentar a escola de idiomas (inglês) por volta dos dez anos de idade, pratica a língua há 13 anos e é fluente. Dá aula de inglês há cinco anos em escola de ensino de idiomas. Já morou no Canadá por um mês para praticar e estudar a língua. Trabalhou na Babel, Empresa Júnior do Curso de Tradução, traduzindo artigos, currículos, resumos de trabalhos de conclusão de curso e artigos científicos. Atualmente não traduz. Não é intérprete. O único contato com interpretação foi no sexto período do curso, numa disciplina obrigatória na qual teve experiência com interpretação por meio de aulas práticas, oficinas e palestras. Segundo ela, o *feedback* da professora foi muito positivo e seria um ramo de trabalho para se enveredar, pois se saiu bem nas aulas. Acha que a experiência no experimento não foi difícil, mas teve dificuldade por causa dos nomes próprios e por se tratar de assunto do Antigo Testamento, mas acredita que a história e a pregação não foram difíceis de serem interpretadas.

Observações gerais

Os formandos do Curso de Bacharelado em Tradução apresentam um perfil similar, tanto em termos de idade como em termos de atuação como tradutores, tendo tido experiência em interpretação apenas no âmbito de uma disciplina ofertada na graduação. Em contrapartida, os intérpretes da igreja apresentam um perfil mais distinto entre si, havendo talvez uma maior proximidade entre as características de I1 e I3, cujas idades são próximas e cujas experiências com a língua inglesa são mais vastas tanto no próprio país como em país estrangeiro. Além disso, I2 se diferencia dos outros intérpretes voluntários por ter formação específica na área de tradução e interpretação.

Vale ainda destacar que a única estratégia que foi avaliada como de suma importância por todos os participantes intérpretes voluntários da igreja em questão foi a primeira, qual seja, “ser fiel à mensagem original”. No entanto, pelos dados coletados, não foi possível precisar o

que exatamente os participantes entendem por “fidelidade”. Como se poderá ver na Seção 4.2, há estratégias de condensação, omissão e até mesmo erros de interpretação que desafiam uma definição do que exatamente os intérpretes entendem por fidelidade.

4.1.2 A interpretação na igreja em tela

A partir do depoimento dos intérpretes voluntários, foi possível identificar como acontece a interpretação na igreja em tela. Foi possível identificar que existem dois contextos distintos de interpretação: o púlpito (*i.e.*, lugar alto, de onde fala um orador)⁹ e as filas de oração. Nesse aspecto, foi possível identificar mais uma característica que aproxima I1 de I3 e os distancia de I2: aqueles têm experiência no púlpito, enquanto esta tem experiência apenas nas filas de oração. Seguem as descrições levantadas a partir dos depoimentos coletados. Os responsáveis por uma ou outra descrição apenas são explicitados sempre que se trata de depoimentos pessoais ou de depoimentos que não encontram respaldo na fala de outro intérprete.

No púlpito

O tempo de duração de uma pregação é normalmente de 40 minutos. Todavia, com a interpretação, esse tempo excede para aproximadamente uma hora e 10 minutos.

Pode acontecer de o intérprete ter tido contato com o preletor em outras ocasiões (por exemplo, ele se hospeda na casa dos pastores ou membros da igreja); no entanto, na maioria das vezes o contato é feito no dia do evento. De caráter informal, esse contato é feito uns 20 ou 30 minutos antes de o culto começar, de caráter informal, com o intuito de, se possível, saber o assunto que irá ser abordado no evento e ouvir a voz (sotaque) do pregador. Às vezes, o palestrante tem o esboço da pregação nesse período de “bate-papo” informal; no entanto, na maioria das vezes, a mensagem é inspirada pelo Espírito Santo, ou seja, o intérprete não faz ideia do que irá ser falado. De acordo com I3, a interpretação é diante de uma plateia, de um público e isso exige responsabilidade e domínio emocional.

Alguns preletores estão acostumados com a presença de um intérprete e conseguem parar e dar um tempo necessário para que o intérprete reproduza a fala, mas isso acontece pela prática e não porque foram treinados para tal. Em muitos casos, os palestrantes que não estão familiarizados com essa prática precisam ser interrompidos pelo intérprete, pois tendem a

⁹ DICIO. Púlpito. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/pulpito/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

falar um longo período e, em alguns casos, até se perdem em sua linha de raciocínio quando interrompidos.

Nem sempre os preletores estão preparados para falar de forma a facilitar o trabalho do intérprete. Existem casos em que o preletor vai aprendendo a dar as pausas durante o processo. Normalmente, o intérprete sugere que não sejam frases muito grandes para não perder a qualidade da interpretação. Essa qualidade é verificada informalmente por pessoas que assistiram ao culto interpretado e lhe dizem que foi bem, mas que uma ou outra palavra seria melhor traduzida por “tal” palavra. No caso da igreja, há várias pessoas que falam inglês e, se acaso uma palavra ou outra não vier à mente do intérprete, as pessoas que entendem bem as duas línguas sugerem, em voz alta, a tradução na hora do evento para o intérprete que está no púlpito.

Em muitos casos, a interrupção do preletor por parte do intérprete é necessária, pois não há como fazer anotações durante as pregações. A dificuldade maior na interpretação aparece com relação a: nomes, assunto para os quais não esteja preparado, velocidade da fala, sotaque do preletor e expressões idiomáticas utilizadas em diferentes países/regiões.

Il geralmente recebe o *feedback* de que sua interpretação foi clara, repetiu os movimentos do pregador, foi rápido e preciso. Segundo ele, espera-se que os intérpretes de igrejas evangélicas também sejam evangélicos, principalmente por causa da linguagem utilizada nesse meio, que demanda conhecimento bíblico; do contrário, o intérprete terá dificuldade para interpretar e acompanhar o raciocínio do palestrante.

O intérprete, no contexto da igreja, é fundamental para viabilizar a comunicação entre pessoas de nacionalidades e línguas diferentes. Não existe a formalização/contrato de trabalho do intérprete, ou seja, não existe remuneração específica. Às vezes, o intérprete pode receber alguma oferta pelo seu trabalho; outras vezes, o custeio de despesas como transporte, hospedagem, alimentação é oferecido por parte de quem o convidou. Porém, de modo geral, o intérprete é voluntário e não visa a remuneração; algumas vezes chega até a gastar para proporcionar a interpretação, fazendo isso por puro prazer em servir como instrumento para abençoar pessoas. No contexto da igreja, entende-se esse trabalho como um ministério, um serviço a Deus e às pessoas, sendo, portanto, um trabalho voluntário.

Para I3, uma das dificuldades que encontra ao interpretar está relacionada ao seu próprio bem-estar emocional, pois estar cansada física ou mentalmente, ou estressada por algum motivo, afeta a interpretação. Precisa estar descansada e ter a mente bem atenta. Outra dificuldade está relacionada ao sotaque. Às vezes, interpreta quem não tem o inglês como língua nativa, tendo um sotaque a que I3 precisa se acostumar. Outras vezes, a pessoa fala “para dentro” ou tem uma voz muito grave, o que também dificulta a interpretação. Além disso, a falta de conhecimento do assunto também prejudica.

Na percepção de I3, para ser um intérprete de púlpito, é levado em consideração que a “pessoa tenha o domínio da língua para interpretar e também tenha algumas qualificações de liderança para estar ali”. O intérprete também precisa ter algumas qualificações pessoais: “a pessoa deve ser bem quista, ter realmente uma condição de interpretar e não denegrir o que está interpretando por algum comportamento que não seja adequado (porque às vezes pode ter o domínio da língua, mas para aquele contexto, precisa ter mais do que isso)”.

Segundo I1, o intérprete é apenas um instrumento de tradução, funciona como a “boca do outro” e, por esse motivo, precisa ser fiel, não omitir, não alterar o conteúdo da mensagem, fazendo apenas alterações necessárias para que o público entenda. Na sua concepção, precisa se excluir daquilo que pensa e interpretar da maneira que o pregador acredita, pois pode ouvir coisas com que não concorda, mas entende que não tem a responsabilidade do que está interpretando, cabendo ao público julgar.

Em contrapartida, I3 afirma que o intérprete precisa acreditar no que está interpretando, pois transmite não só as palavras, mas também o espírito e o sentimento da mensagem. Nas palavras de I3:

A pessoa pode ser um ótimo intérprete, mas, se ela não está naquela mesma ‘unção’, você percebe. O intérprete tem que estar afinado com a pessoa que vai interpretar, no sentido de que ambos querem transmitir a mesma mensagem, estão empenhados para que aquela mensagem chegue ao ouvinte. A gente tem que acreditar na mensagem e procurar ser fiel.

Segundo I3, a ética é entendida por meio da fidelidade ao que está interpretando, sem emitir um parecer pessoal ao fazer a interpretação.

Nas filas de oração

As informações sobre as filas de oração se baseiam principalmente no relato de I2, sendo, ao final, acrescidas algumas observações da autora desta monografia e de I3. Segundo I2, os eventos em que interpreta acontecem anualmente durante três dias, mas ela interpretou poucas vezes na igreja. Nas palavras da participante:

Esse pessoal de fora é um grupo de missionários que vem para fazer orações, principalmente na questão de doenças, sejam emocionais ou físicas. O foco é liberar cura para as pessoas. Geralmente alguém que está no púlpito faz a apresentação dos membros da equipe de missionários. Um intérprete fica no púlpito fazendo a interpretação da pregação, geralmente pessoas convertidas há muito tempo, que já tenham uma experiência muito grande e que as pessoas conhecem. Depois é que vem a minha parte, a que eu me incluo. Em certo momento, os missionários são chamados no púlpito, depois descem e fazem uma fileira dos vários missionários, e as pessoas fazem fila para cada um deles para receber oração. Cada missionário fica com um intérprete ao lado, e as pessoas vão chegando e falando o problema que têm. Durante essa oração, vou traduzindo, chego perto do ouvido do brasileiro e vou interpretando a oração que o missionário está fazendo. Vou traduzindo as perguntas que o missionário faz e a resposta que o brasileiro dá. Há o diálogo entre os dois e a oração.

Cada culto para esse evento dura aproximadamente de três a quatro horas, incluindo a parte da interpretação de púlpito. O trabalho nas filas de oração geralmente dura mais ou menos duas horas. Como geralmente faltam intérpretes, o intérprete de púlpito também desce para ajudar na interpretação nas filas de oração. Algumas vezes um único intérprete alterna seu trabalho interpretando para dois missionários.

Pela experiência da autora desta monografia, para esse evento, os intérpretes que se dispõem a trabalhar às vezes recebem um *e-mail* com um documento contendo um guia prático com expressões úteis em inglês e sua tradução em português, juntamente com uma lista de nomes sobre anatomia e doenças comuns e figuras mais detalhadas das partes do corpo humano e seus respectivos nomes em inglês. Contudo, em muitos casos, o intérprete não recebe essas informações ou recebe somente no dia do evento.

De um modo geral, os missionários tendem a falar de forma a facilitar o trabalho do intérprete, pois são pessoas que fazem trabalhos como esse no mundo inteiro. Com exceção daqueles iniciantes que às vezes se esquecem e não param de falar, mas logo o intérprete “dá uma dica”.

Assim como na interpretação de púlpito, não há nenhuma formalização para a interpretação nas filas de oração. O trabalho é voluntário. Assim como, por exemplo, os músicos, os psicólogos e os assistentes sociais, os intérpretes também trabalham voluntariamente na igreja. Fazem isso pela fé, porque acreditam. Nas palavras de I2, “[s]e for pagar todo mundo, a igreja perde a função social em prestar serviços voluntários e acaba virando um mercado”.

Para ser um intérprete na igreja, para esse tipo de evento específico, presume-se que a pessoa compartilhe da mesma fé e seja conhecida na igreja. O ideal seria que o intérprete tivesse um bom domínio da língua inglesa, mas devido à falta de intérpretes, muitas pessoas que entendem um pouco essa língua são bem vindas para auxiliar nos diálogos entre os missionários e os brasileiros nas filas de oração.

A ética seria relacionada à discricção e respeito, pois é um momento de fragilidade da pessoa que está expondo seu problema. Nas palavras de I2:

Para tudo que falar ou fazer, eu devo pensar que há consequências, que estou me envolvendo com uma questão espiritual, a questão de fé. As pessoas com quem eu lido estão vivendo alguma doença, alguma questão muito séria emocional, algo muito sensível.

As dificuldades que se encontra na hora de interpretar estão relacionadas ao vocabulário, terminologias bastante específicas e nomes. Na igreja, às vezes outros intérpretes ajudam na tradução de uma palavra ou outra na hora do evento.

Na acepção de I2, o intérprete funciona como ponte entre línguas e culturas distintas. É o facilitador e, sem ele, essa interação não seria possível e haveria mais barreiras. Para interpretar, é preciso, em alguns casos, fazer pequenas adições para proporcionar fluência no diálogo, mas sem adicionar questões pessoais. Já o corte, quando realizado, somente está relacionado ao fator “tempo”.

Na opinião de I2, é muito importante acreditar no que está interpretando no contexto religioso, pois, se não acreditar, não se esforça para passar a mensagem (principalmente em se tratando de um trabalho voluntário) e, conseqüentemente, perde-se a espontaneidade, a entonação, a expressão corporal e toda a empolgação natural.

I2 disse que encontrou bastante dificuldade em fazer a interpretação gravada dos vídeos, porque a mensagem se assemelha às pregações de púlpito, que é bastante diferente de sua experiência nas filas de oração. Nunca fez interpretação de púlpito e, segundo ela, são segmentos muito maiores e a fala é diferenciada. Por não ter tanto conhecimento da Bíblia, achou difícil acompanhar a história. Em suas palavras:

Quando se está no púlpito, há muitos relatos, há toda uma narrativa da Bíblia, há recorrência às personagens. Você tem que saber muito bem os nomes de cada personagem, dos discípulos, para poder fazer a interpretação. Você precisa ter o conhecimento muito grande da Bíblia para se dar bem com a terminologia.

No caso das filas de oração, o intérprete está lidando com algo mais próximo do dia a dia, e isso faz com que ele se inclua, facilitando a compreensão.

O relato de I3 sobre a interpretação nas filas de oração apresenta pontos em comuns com aqueles apresentados por I2. Em suas palavras:

É diferente da interpretação de púlpito. É importante estar bem conectado com a pessoa que está ministrando, para entender exatamente o que ele está perguntando, o que ele quer saber. E estar atento também ao que a pessoa está expressando, não só verbalmente, mas o que ela sinaliza, as expressões faciais. Então, a gente interpreta mais do que as palavras. É uma interpretação muito pessoal, porque você está tratando de um problema da pessoa, uma enfermidade, então é necessária alguma sensibilidade para fazer uma boa interpretação, tanto da pessoa que está ministrando quanto a devolutiva, o que a pessoa está respondendo. Então é importante ser fiel nessa interpretação, para que seja uma comunicação mais efetiva.

4.2 Análise dos Resultados dos Experimentos

4.2.1 Análise qualitativa

Apresentam-se a seguir quadros contendo os excertos de vídeos utilizados no experimento. Os vídeos identificados com o número 2 antes do ponto são aqueles da Parte 2 do experimento, enquanto que os números que sucedem o ponto correspondem à ordem em que os vídeos foram apresentados. Por sua vez, os vídeos identificados com o número 3 antes do ponto são aqueles da Parte 3 do experimento, enquanto que os números que sucedem o ponto correspondem à ordem em que os vídeos foram apresentados. Vale lembrar que, na Parte 2, os excertos são curtos, enquanto que, na Parte 3, os excertos são de tamanho variado, havendo

segmentos bastante longos. Compete ainda sublinhar que os vídeos da primeira parte não foram avaliados, por se tratar de uma sessão de aquecimento (*warm-up*). Para os quadros a seguir, limitam-se os comentários a pontos de interesse para a presente pesquisa, sobretudo quando da ocorrência de estratégias outras que não a reverbalização literal ou próxima do literal da mensagem proferida na língua de partida. As estratégias são identificadas na última coluna do quadro.

As estratégias são aquelas apresentadas e definidas no QUADRO 1, no Capítulo 2. No entanto, os quadros que se seguem identificam como “Trecho Não Interpretado” aqueles segmentos que foram totalmente omitidos, ou seja, para os quais não foi evidenciada nenhuma tentativa de interpretação pelos participantes. Também foi adicionada a categoria “Erro de Interpretação” para evidenciar aquelas passagens dos vídeos para os quais os intérpretes produziram mensagens incongruentes com o conteúdo veiculado na língua de partida.

Parte 2

Os QUADROS 5 a 20 a seguir mostram os resultados da Parte 2 do experimento realizado.

QUADRO 5 – Transcrição do vídeo 2.1, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	Tonight’s lesson is dealing with a river of life.	--	--
I1	A lição dessa noite é sobre rios da vida	--	Reverbalização literal
I2	A lição de hoje é: Lidando com o rio da vida.	Lição de ho	Reverbalização literal
I3	A lição de hoje à noite trata sobre um rio de vida.	--	Reverbalização literal
T1	O culto de hoje vai falar sobre o rio da vida.	--	Reverbalização literal
T2	A pregação de hoje é para falar sobre o rio da vida.	--	Reverbalização literal

Em relação ao QUADRO 5, destaca-se a reverbalização literal e sublinha-se que a ausência de um correspondente formal para a palavra “noite” não foi considerada uma omissão por causa do contexto, ou seja, o culto estava sendo realizado à noite. Compete ainda apontar que I2 foi a única pessoa que fez anotações.

QUADRO 6 – Transcrição do vídeo 2.2, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	And it comes to us in our storicle from second Kings chapter 5	--	--
I1	E vem da nossa história de Segunda Reis, capítulo 5	--	Omissão “to us” “in our storicle”
I2	E...vamos falar sobre segundo de Reis, capítulo 5	2 King chapter 5	Reformulação “vamos falar sobre” Omissão “in our storicle”
I3	Isso vem... nós vamos tirar isso da... da história de Segunda Reis	--	Reparo “Isso vem... nós vamos tirar isso da...” Reformulação “vamos tirar isso da” Omissão “chapter 5” “in our storicle”
T1	--	--	Trecho não interpretado
T2	Ah... E, analisando ah... segundo Reis capítulo 5	--	Reformulação “analisando” Erro de interpretação “second” Omissão “in our storicle”

No QUADRO 6, observa-se que, novamente, I2 foi o único participante que realizou anotações. A estratégia de omissão foi a mais comum para o segmento em questão, com quatro casos, seguida de reformulação, com três casos, um erro de interpretação, um Trecho Não Interpretado e um reparo. Em se tratando do Trecho Não Interpretado, T1 verbalizou não se lembrar de como reproduzir o trecho na língua de chegada. O excerto “segundo Reis” foi classificado como erro de interpretação porque “segundo” pode ser interpretado erroneamente como uma conjunção conformativa. Vale ainda apontar que “storicle” é um termo específico do contexto de onde o vídeo foi extraído, referindo-se a um conjunto de histórias bíblicas.

QUADRO 7 – Transcrição do vídeo 2.3, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	It is a story of Naaman.	--	--
I1	É a história de Naamã.	--	Reverbalização literal
I2	Vamos falar sobre a história de “Naaman”.	--	Reformulação
I3	É a história de Naamã.	--	Reverbalização literal
T1	--	--	Trecho não interpretado
T2	É a história de “Naaman”.	--	Reverbalização literal

Em se tratando do QUADRO 7, observa-se que dois participantes, I2 e T2, não souberam a pronúncia de “Naamã” na língua de chegada. T1, que não interpretou o trecho, verbalizou que não lembrava o nome em questão na língua portuguesa. O erro de pronúncia se mantém durante todo o experimento. Além disso, desta vez, I2 não faz anotação e recorre a uma estratégia de reformulação. A reverbalização literal predominou, com três ocorrências.

QUADRO 8 – Transcrição do vídeo 2.4, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	Now, Naaman was a mighty general that worked for the Syrian king.	--	--
I1	O Naamã era um general principal que trabalhava para o exército do rei, para o rei.	--	Erro de interpretação “general principal” Inferência “exército” Omissão “Syrian”
I2	Então, Naaman foi um mineiro que trabalhou para o rei sírio.	--	Erro de interpretação “mighty general”
I3	Naamã era um poderoso general que trabalhava para o rei da Síria.	--	Reverbalização literal
T1	“Naaman” foi um general poderoso que trabalhou para o rei sírio.	--	Reverbalização literal
T2	Ele era um general que trabalhava para o rei.	--	Omissão “Syrian” “mighty”

No QUADRO 8, “Now” funciona como marca de oralidade no trecho em questão. Essa marca foi registrada por I2 na língua de chegada. A omissão, a reverbalização literal e o erro de interpretação foram as estratégias com mais ocorrências, duas cada, seguida da inferência. I1 foi o participante que utilizou maior variedade de estratégias.

QUADRO 9 – Transcrição do vídeo 2.5, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	The Bible has only good things to say about him to a point.	--	--
I1	A bíblia tem pontos bons para falar sobre ele, até o ponto.	--	Omissão “only” Erro de interpretação “to a point”
I2	E a bíblia só tem coisas boas a dizer sobre ele...	--	Omissão “to a point”
I3	A bíblia tem apenas coisas boas pra dizer a seu respeito até certo ponto.	--	Reverbalização literal
T1	A bíblia diz coisas boas sobre ele até certo ponto.	--	Omissão “only”
T2	A bíblia só tem coisas boas a dizer sobre ele até um determinado momento.	--	Reverbalização literal

No QUADRO 9, destaca-se a prevalência de estratégias de omissão, que teve três ocorrências. Também houve um erro de interpretação causado pela literalidade da interpretação de “to a point” como “até o ponto” (I1).

QUADRO 10 – Transcrição do vídeo 2.6, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	Tells us that he was a brave man,	--	--
I1	Fala que era um homem corajoso,	--	Omissão “us”
I2	Diz que ele era um homem muito corajoso,	--	Omissão “us” Expansão “muito”
I3	Diz, nos diz que ele era um homem corajoso,	--	Reparo
T1	Ela diz que ele era um homem bravo, ele foi um homem corajoso,	--	Omissão “us” Reparo
T2	Ela nos diz que ele era um homem corajoso,	--	Reverbalização literal

No QUADRO 10, destaca-se novamente a prevalência de estratégias de omissão, com três ocorrências, todas relativas ao item “us”. Em seguida, têm-se duas ocorrências de reparo. Há também uma ocorrência de expansão, quando I2 utiliza o intensificador “muito”. Além disso, há um caso de reverbalização literal.

QUADRO 11 – Transcrição do vídeo 2.7, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	an honorable man,	--	--
I1	um homem honrado,	--	Reverbalização literal
I2	um muito digno e honrado,	--	Expansão “muito digno”
I3	um homem horado,	--	Reverbalização literal
T1	um homem honrado,	--	Reverbalização literal
T2	um homem honrável,	--	Reverbalização literal

No QUADRO 11, destaca-se uma expansão realizada por I2, que interpreta “honorable” como “muito digno e honrado”. No mais, não houve estratégias de tradução outras que não a reverbalização literal.

QUADRO 12 – Transcrição do vídeo 2.8, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	a man that the Lord could use.	--	--
I1	um homem que Deus poderia usar.	--	Reverbalização literal
I2	um homem que o Senhor poderia usar.	--	Reverbalização literal
I3	um homem que o Senhor poderia usar.	--	Reverbalização literal
T1	um homem que o Senhor podia usar.	--	Reverbalização literal
T2	um homem que o Senhor poderia usar.	--	Reverbalização literal

No QUADRO 12, observa-se que todas as interpretações recorreram à literalidade. Somente chama à atenção o fato de que o substantivo “Lord” foi traduzido como “Senhor” por quatro participantes e como “Deus” por um dos participantes.

QUADRO 13 – Transcrição do vídeo 2.9, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	He was used by God in valor.	--	--
I1	Ele foi usado por Deus em “valor”.	--	Erro de interpretação “valor”
I2	Ele foi usado por Deus no vale.	--	Erro de interpretação “in valor”
I3	Ele foi usado por Deus de maneira forte.	--	Reformulação
T1	O seu valor foi usado por Deus.	--	Reformulação
T2	Ele já tinha sido usado pelo Senhor.	--	Inferência “já tinha”

No QUADRO 13, destacam-se duas ocorrências de erro de interpretação, ambas relativas a “in valor” e duas reformulações, ambas também geradas pela dificuldade de interpretação da expressão “in valor”. Além disso, verifica-se que T2, ao dizer “já tinha sido”, utilizou a inferência com base no contexto, tendo em conta a frase imediatamente anterior a essa fala: “um homem que poderia ser utilizado pelo Senhor”. Também chama à atenção aqui o fato de que “God” foi traduzido como “Deus” por quatro dos participantes, enquanto T2, talvez por um desejo de manutenção da terminologia, utiliza a palavra “Senhor”, tal qual fizera no excerto imediatamente anterior.

QUADRO 14 – Transcrição do vídeo 2.10, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	He was a courageous man,	--	--
I1	Ele era um homem corajoso,	--	Reverbalização literal
I2	Ele era um homem corajoso,	--	Reverbalização literal
I3	Ele era um homem corajoso,	--	Reverbalização literal
T1	Ele foi um homem corajoso,	--	Reverbalização literal
T2	Ele era um homem corajoso,	--	Reverbalização literal

No QUADRO 14, há apenas interpretações literais. Destaca-se, contudo, que quatro participantes utilizaram o pretérito imperfeito do indicativo, enquanto T1 utilizou o pretérito perfeito do indicativo.

QUADRO 15 – Transcrição do vídeo 2.11, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	And probably worked his way up through the ranks as a soldier.	--	--
I1	Ele trabalhou como um soldado.	--	Omissão “probably” “his way up through the ranks” Erro de interpretação “Ele trabalhou como um soldado”
I2	E ele fez o seu caminho ali pelo “ranks”, fez seu caminho como um soldado.	--	Omissão “probably” Erro de interpretação “his way up through the ranks” Reparo
I3	Provavelmente ele foi ascendendo, galgando posição, é..., desde um soldado.	--	Reverbalização literal Hesitação “é...”
T1	Ele começou na base como um soldado e avançou.	--	Reformulação Omissão “probably”
T2	Já havia trabalhado como um soldado.	--	Omissão “probably” “his way up through the ranks”

No QUADRO 15, observa-se predominância de estratégias de omissão, com cinco ocorrências. Há ainda duas ocorrências de erros de interpretação e uma instância de reformulação e outra de reparo. Vale ainda destacar que T1 e I3 foram os únicos participantes que de fato recuperaram a ideia de “his way up through the ranks”, ou seja, Naamã provavelmente começou como soldado e, com o tempo, foi galgando postos mais avançados. Sublinha-se, ainda, que I3 apenas utilizou estratégias de reverbalização literal e hesitou em determinado momento.

QUADRO 16 – Transcrição do vídeo 2.12, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	and these exploits and battles gave him a reputation whereas he went down to the streets of Damascus, everybody recognized Naaman.	--	--
I1	Ele foi reconhecido por causa das batalhas e, no caminho de Damasco, ele era reconhecido por todas as pessoas por causa de seus feitos.	--	Reformulação
I2	E por este caminho por Damasco todos podiam reconhecer “Naaman”.	--	Erro de interpretação “por este caminho por Damasco” Omissão “and these exploits and battles gave him a reputation ”
I3	É..., e..., a sua posição, o seu destaque, fez com que ele fosse reconhecido, descendo pelas ruas de Damasco.	--	Hesitação “É..., e...” Omissão “and these exploits and battles gave him a reputation ”
T1	As suas batalhas deram fama ao ponto de que toda vez que ele andava pelas ruas de Damasco, as pessoas o reconheciam.	--	Reformulação
T2	E, por participar dessas batalhas, ele caminhava pela cidade e todo mundo o reconhecia.	--	Reformulação Omissão “Damascus”

No QUADRO 11, tem-se que a omissão e a reformulação foram as estratégias mais recorrentes, com três ocorrências cada. Além disso, I2 comete um erro de interpretação.

QUADRO 17 – Transcrição do vídeo 2.13, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	But something happened.	--	--
I1	Mas algo aconteceu.	--	Reverbalização literal
I2	Mas algo aconteceu.	--	Reverbalização literal
I3	Mas algo aconteceu.	--	Reverbalização literal
T1	Mas algo aconteceu.	--	Reverbalização literal
T2	Mas algo aconteceu.	--	Reverbalização literal

No QUADRO 17, tem-se o único caso deste estudo em que todos os participantes apresentaram a mesma interpretação para uma fala. Em todos os casos, recorreu-se a uma reverbalização literal.

QUADRO 18 – Transcrição do vídeo 2.14, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	He was rich, he was famous.	--	--
I1	Ele era rico, ele era famoso.	--	Reverbalização literal
I2	Ele era rico, ele era famoso.	--	Reverbalização literal
I3	Ele era rico, era famoso.	--	Reverbalização literal
T1	Ele era rico, famoso.	--	Reverbalização literal
T2	Ele era rico e famoso.	--	Reverbalização literal

Em todos os casos, os participantes adotaram reverbalizações literais. Contudo, cumpre destacar que os intérpretes da igreja buscaram enfatizar a mensagem utilizando recursos como a repetição e a entonação, recursos esses que não foram adotados pelos tradutores. Esse recurso de repetição e entonação, que evidencia maior interação do intérprete com a plateia, parece condizer com as avaliações encontradas nos QUADROS 2 a 4: os participantes, no geral, atribuíram elevada importância a “interpretar de forma que soe natural”, “reproduzir a entonação” e “reproduzir a expressão corporal”.

QUADRO 19 – Transcrição do vídeo 2.15, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	But the Bible tells us in those five words in the first verse,	--	--
I1	Mas a bíblia diz ali que nos primeiros versículos	--	Erro de interpretação “que” Omissão “those five words”
I2	Mas a bíblia nos diz nesses cinco versos; nessas cinco palavras do primeiro verso	--	Reparo
I3	Mas a bíblia nos diz ali no primeiro verso, nas primeiras cinco palavras.	--	Erro de interpretação “nas primeiras”
T1	Mas as cinco palavras que terminam aquele versículo nos dizem que	--	Omissão “in the first verse”, “the Bible tells us” Expansão “que terminam aquele”
T2	Mas ela nos diz no versículo	--	Omissão “those five words in the first”

Para o segmento de vídeo representado no QUADRO 19, a omissão foi, novamente, a estratégia mais comum, com três ocorrências. Além dela houve um reparo e uma expansão, além de dois erros de interpretação.

Cabe apontar que T1 em tese comete um “Erro de Interpretação”, pelo fato de não estar claro na fala do orador a informação referente às “cinco palavras que terminam aquele verso”. No entanto, de fato o verso termina nas cinco palavras mencionadas pelo orador no próximo vídeo. Desse modo, T1 estava certo em sua interpretação, provavelmente por dedução do que viria depois ou simplesmente por ter “chutado”. Por essa razão, optou-se por categorizar sua estratégia como “Expansão”.

QUADRO 20 – Transcrição do vídeo 2.16, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	But he was a leper.	--	--
I1	Que ele era leproso.	--	Reverbalização literal
I2	Mas ele era um leproso.	--	Reverbalização literal
I3	Mas ele era leproso.	--	Reverbalização literal
T1	Mas ele tinha lepra.	--	Reverbalização literal
T2	--	--	Trecho não interpretado

Predominou a reverbalização literal. Os três participantes intérpretes da igreja optaram pelo adjetivo “leproso”, enquanto T1 optou por uma formulação “menos agressiva”, “tinha lepra”. Além disso, cabe indicar que T2 não faz a tradução do substantivo “leper” ao ter ouvido somente uma vez. No entanto, ouvindo a segunda vez, juntamente com o contexto inserido na fala do próximo vídeo, T2 pôde interpretar o nome da doença corretamente.

Parte 3

Os QUADROS 21 a 30 a seguir mostram os resultados da Parte 3 do experimento realizado.

QUADRO 21 – Transcrição do vídeo 3.1, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	You know, disease sometimes is indiscriminate and he came down with that dreaded and incurable disease of leprosy. You know, leprosy in the Bible is a type of sin. Sin separates. Isaiah says that your sins have separated you from God. Sin will separate you from God, sin will separate you from each other, and sin will separate you from you. Some people don't even like themselves. When you give your heart to the Lord, you'll love the Lord, you'll love your neighbor and you'll love yourself. Sin works the opposite. It's a disease. It's a deadly disease.	--	--
I1	Então, é...o Naamã, por causa de sua doença de lepra, ele foi discriminado, ele era leproso; por isso, foi separado. O pecado separa você do seu Deus, separa você das outras pessoas e separa você de você mesmo, assim como diz em Oséias. Mais ou menos dizendo que: o pecado te separa de Deus, do contato com as outras pessoas, e as pessoas não gostam umas das outras e... A palavra de Deus fala que O Senhor veio para amar e nós precisamos amar uns aos outros e, por causa do pecado, a gente deixa de amar, a gente deixa de fazer aquilo que é da vontade de Deus.	indis. m leproso lepros – sin sin – seus Oseas God each o like the ama o Senhor /ou	Hesitação “Então, é...” “e...” Inferência “o Naamã, por causa de sua [...] lepra [...] foi separado.” Erro de Interpretação “Isaiah” “indiscriminate” “Some people don't even like themselves.” Omissão “leprosy in the Bible is a type of sin.” “It's a deadly disease.” Reformulação “A palavra de Deus fala que O Senhor veio para amar e nós precisamos amar uns aos outros e, por causa do pecado, a gente deixa de amar, a gente deixa de fazer aquilo que é da vontade de Deus.”
I2	Bom, mas a doença, ela é capaz de chegar a todos nós e este homem, ele foi acometido pela lepra. E..., a bíblia fala que a lepra é um tipo de pecado. Um tipo de pecado que te separa de Deus, um tipo de pecado que te separa do outro e um tipo de pecado que te separa de si mesmo, e o coração do Senhor ele ama todas as coisas, ele ama você, ele ama tudo, já o pecado é o oposto disso, né. Ele traz separação.	disease dreaden leprocy type of sin sin separate u God each other u from u  lord u love evtg sin works the op.	Omissão “Isaiah” Hesitação “né” E...
I3	Você vai ver que a lepra é uma doença que... ela não... ela é indiscriminada. A lepra é comparada na bíblia como um tipo de pecado. A lepra te separará de Deus, a lepra te separará um do outro, e a lepra te separará de si mesmo. Algumas pessoas nem gostam de si mesmas. O pecado é como uma doença, é como uma doença mortal.	You see leprosy disease is inde. Leprosy is a type of sin Sin will separate . . Some people doesn't even like themselves Sin is a disease It's a deadly disease	Erro de interpretação “indiscriminate” Omissão “Isaiah” Condensação Hesitação “que...” “ela não...”
T1	A lepra é... na bíblia é uma doença que é tratada como pecado. O pecado separa você de Deus, nos separa uns dos outros, separa você de você mesmo.	Lepra Doença Pecado Isaías Pecado separa vc Deus Uns dos outros	Condensação Omissão “Isaiah” Hesitação “é...”
T2	Às vezes, não é possível prever uma doença e, naquela época, ele teve lepra. E lepra para eles era considerado um pecado. Um pecado que separava você das pessoas. E o pecado vai separar você de Deus, vai separar você um dos outros e vai separar você de você mesmo. Quando você está bem, você se dá bem com as pessoas ao seu redor, mas, quando você está doente, você não gosta de ninguém, e o pecado é uma doença mortal.	Doença-Pecado ñ previsível Lepra Pecado separação (Deus, uns dos, vc msm) Saúde → ≠ ñ gosta de ning. Doença mortal	Condensação Omissão “Isaiah”

No QUADRO 21, observa-se que a variedade de estratégias é bem maior se quando se compara o vídeo 3.1 com qualquer outro da Parte 2, que chegou, no máximo, a compreender uma sentença completa. Destaca-se ainda que é a primeira vez que ocorre uma estratégia de condensação (três ocorrências) provavelmente por causa das limitações da memória de trabalho dos participantes. O nome do profeta, talvez por dificuldade de compreensão, foi omitido por quatro dos participantes e interpretado erroneamente por I1, o qual, além disso, adotou maior variedade de estratégias que os demais participantes.

Em relação ao texto exibido no QUADRO 22, é importante mencionar que tanto a pequena garota quanto José foram levados para terras estrangeiras como escravos, mas ambos, em vez de ficarem revoltados com isso, tiveram atitudes muito positivas com relação aos seus senhores. Por isso o orador diz que talvez a garota tivesse lido a história de José, porque José também foi levado como escravo (no caso, para o Egito) e sofreu muito lá. Porém, fez uma diferença significativa naquele país por sua fé, obediência e sabedoria, que o levaram a ser o segundo homem mais poderoso do Egito na época (ele era o braço direito do faraó e administrava o país). Outro ponto importante é que a cura viria se Naamã fosse à Samaria ver o profeta, pois sua lepra seria curada por meio desse profeta. A história de José está registrada na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de Gênesis, nos capítulos 39 e 40.

Para a interpretação do vídeo em questão, a estratégia de tradução mais comum foi a omissão de informações. Vale ainda apontar que é para essa interpretação que surge a primeira ocorrência de uma estratégia de reestruturação (I3).

QUADRO 22 – Transcrição do vídeo 3.2, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	Well, the Bible goes on and tells us something remarkable happened. Evidently, the Syrians had gone out on one their raids and captured a young Israelite girl, and she served Naaman's wife and, instead of being angry, she'd been carried away to be a slave in this foreign kingdom. Syria and Israel were often at battle with each other. When "Naaman" came with leprosy this young girl could have thought, "Oh good, I hope he rocks!" But she maybe read the story of Joseph, and she said, "You know, if I am going to be a servant, I am going to be a good servant," and she gave a message of hope to Naaman's wife. She said, "Only if my master were with the prophet who is in Samaria! For he would heal him of his leprosy". Now, who's gonna believe the message from a little servant girl? When you're desperate, you're ready to accept just about anything.	--	--
I1	Então, uma pequena garota foi levada cativa e... ela foi trabalhar na casa do... do Naamã, e ela poderia dizer que ela, a única coisa que ela pensava a respeito do seu senhor é que ela queria vê-lo morto. Mas, entretanto, ela era uma boa serva e servia sua senhora e ela trouxe uma mensagem de esperança para aquela senhora. Ela, ela falou para sua senhora, que era esposa de Naamã: "Olha, se o meu mestre, se meu senhor tivesse contato com um profeta que vive em Samaria, ele seria curado de sua lepra."	- pegou slave Estava ela – ã amaldiç the – message of hope only if mast Samar. Queri imi	Condensação Omissão "Syrians" "But, she maybe read the story of Joseph" "Now, who's gonna believe the message from a little servant girl? When you're desperate, you're ready to accept just about anything." Hesitação "e..." "do..." Reparo "... dizer que ela, a única coisa que ela pensava"
I2	Bom, a Bíblia traz uma passagem muito memorável também sobre uma jovem garota que veio trabalhar, que veio a ter contato com a esposa de "Naaman". Essa... o livro de José disse que essa garota veio a ser uma boa... uma serva muito boa e que trouxe uma mensagem de paz, né? Mesmo frente a essa questão da doença, ela trouxe mensagem de esperança, né? E... uma mensagem positiva de esperança para a mulher do "Naaman"	bible remarkable Young girl N' wife Joseph Good servant Message of hope Servant girl	Omissão "Syrians" "captured a young Israelite girl" "instead of being angry, she'd been carried away to be a slave in this foreign kingdom." "Only if my master were with the prophet who is in Samaria!" Erro de interpretação "But she maybe read the story of Joseph" Reparo "... que veio trabalhar, que veio a ter contato" "uma boa... uma serva mto boa" Hesitação "Essa..." "E..."

QUADRO 22 – Transcrição do vídeo 3.2, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
I3	Bem, é..., chegou o dia em que algo aconteceu. Sabemos que os sírios estavam em guerra contra, é... os israelitas e, é... foi capturada uma pequena serva, uma menina para ser como uma serva da esposa de Naamã. Em vez dela ficar furiosa por ter sido, é... colocada nessa posição, ela..., ela se... talvez lembra da história de José, ela pensou, já que eu vou ser uma serva, vou ser uma boa serva. E ela trouxe uma mensagem de esperança, ela... é... ali muitas vezes, quando você está desesperado, você está aberto para ouvir qualquer coisa. Mas o que que essa pequena serva poderia trazer como mensagem?	Well the D____ The sirian Served Angry Carrie Síria + _____ → →Maybe read →Message of hope →Prophet →Little →When your desperate	Omissão “Only if my master were with the prophet who is in Samaria!” Reestruturação Hesitação “é...” [5x] “ela...” [2x] “ela se...”
T1	Os sírios, em uma das suas conquistas, capturavam uma menina e transformaram ela em escrava. Talvez ela tenha lido a Palavra, porque, em vez de ficar brava, ficar irada, ela foi uma boa serva. Ela foi uma boa serva para “Naaman”.	Sírios capturavam menina Ela (talvez) leu a palavra E foi uma boa serva p/ (N...)	Omissão “read the story of Joseph” “she gave a message of hope to Naaman’s wife. She said, “Only if my master were with the prophet who is in Samaria! For he would heal him of his leprosy”. Now, who’s gonna believe the message from a little servant girl? When you’re desperate, you’re ready to accept just about anything.” Inferência “Palavra”
T2	Mas algo impressionante aconteceu, ah... eles chamaram, os sírios chamaram uma garota para servir a ele e cuidar de sua doença, mas, ao contrário do que todos pensaram, a escrava, ela não ficou brava por isso. Ela disse: “Se é pra ser uma serva, vou ser uma boa serva”. E ela mandou uma mensagem de esperança para a esposa dizendo que ele ficaria curado, mostrando pra gente que, em momentos de desespero, nós aceitamos qualquer coisa.	Algo impressionante sírios garota serva escrava ã ficou brava msg de esperança Ele ficará curado desespero → aceita quer coisa	Hesitação “ah...” Erro de interpretação “captured” “ela mandou uma mensagem de esperança para a esposa dizendo que ele ficaria curado, mostrando pra gente que, em momentos de desespero, nós aceitamos qualquer coisa.” Expansão “mas, ao contrário do que todos pensaram” Omissão “But she maybe read the story of Joseph” “Only if my master were with the prophet who is in Samaria!”

QUADRO 23 – Transcrição do vídeo 3.3, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	And so, Naaman... , pretty soon word reached the king and he made provisions and he took his escort and a great deal of money to pay for his healing. He took about a half a million dollars in gold and silver and clothing. That's about like medical bills today, to go to the prophet.	--	--
I1	Então, o Naamã pegou uma carta do seu rei e fez sua provisão e um grupo de soldados foi com ele. E ele levou essa provisão de ouro, prata e coisas que seria milhões de dólares pra visitar o profeta.	provision trouxe milhões de dollar.	Inferência “pegou uma carta do seu rei” Reformulação “half a million” Condensação
I2 [“Não me situei”]	escort	Trecho não interpretado
I3	Então, Naamã, ele... é, leva isso ao conhecimento do rei, e o rei então faz provisões pra que ele possa fazer essa viagem, e ele é... dá ali pra Naamã cerca de meio milhão, milhão de dólares em ouro, prata e vestimentas é... como mais ou menos, como seriam as contas médicas é... nos dias de hoje.	SoNaa R King Provisions ½ million dollars Como contas médicas hoje.	Condensação Inferência “dá ali pra Naamã” Hesitação “ele... é” “e ele é...” “é...” [2x]
T1	Quando Naaman ouviu disso, ele resolveu tomar uma atitude e ele doou cerca de \$500 mil dólares, hoje, em roupas e outros artigos.	O rei tomou atitude US\$ 500.00 roupas e outros artigos	Erro de interpretação “doou” Condensação
T2	E então ele gastou muito dinheiro para se ver curado, mais ou menos meio milhão de dólares.	½ milhão	Omissão “... pretty soon word reached the king and he made provisions and he took his escort”

No QUADRO 23, observa-se que a condensação foi a estratégia mais utilizada pelos participantes para a interpretação do excerto em questão.

QUADRO 24 – Transcrição do vídeo 3.4, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	Now, the prophet was Elisha. Elisha had never healed anybody before.	--	
I1	E o profeta era Elias, e ele nunca tinha curado alguém antes.	--	Erro de interpretação “Elisha”
I2	O propósito foi Elias. Elias nunca havia curado ninguém antes disso.	Elishah	Erro de interpretação “the prophet was Elisha.”
I3	Agora, o profeta era Eliseu, e Eliseu nunca tinha curado ninguém antes.	Prop. Elishah Elishah	Reverbalização literal
T1	O profeta era Elias. Elias nunca tinha curado ninguém antes.	Elias	Erro de interpretação “Elisha”
T2	--	Elias	Trecho não interpretado

No que tange ao QUADRO 24, cabe apontar que o profeta na época de Naamã foi Eliseu (Elisha). Elias (Elijah) já não existia entre homens no contexto da história desse general. A confusão na interpretação desses nomes acontece pela similaridade fonética entre eles. Como se pode observar, houve erro na interpretação desse nome entre três participantes, dois dos quais eram da igreja. Cabe ainda destacar que I3 adotou uma reverbalização literal, provavelmente por se tratar de um segmento curto.

Já no QUADRO 25, o trecho parece ter causado confusão por causa dos nomes hebraicos. Talvez seja esse o motivo para a não interpretação do excerto por T2, as omissões dos demais participantes e os erros de interpretação de I1, I2 e T1.

Vale salientar que o nome de Jesus em hebraico é Yeshua.¹⁰ Esse nome é escrito também como Yehoshua, que significa “Deus é salvação” ou “Deus é auxílio”, traduzido em português para Josué (Joshua). Não foi exatamente o que o orador disse, mas essa informação é trazida por I3 ao dizer “Josué Salva”.

Outra observação a ser feita é com relação ao nome Elohim. I3 diz “Deus Criador Salva”. A palavra “Criador” pode ser uma inferência por entender a raiz do nome Elohim, enfatizando a criação do primeiro homem por Deus.

¹⁰ As informações sobre os nomes apresentadas neste e nos próximos parágrafos foram extraídas em páginas da Internet. Para mais informações, remete-se ao leitor às seguintes páginas, consultadas em 1 de julho de 2015: <<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/joshua/>>, <<http://iadrn.blogspot.com.br/2012/10/o-que-significa-elohim.html>> e <<http://www.significados.com.br/yeshua-hamashia/>>.

QUADRO 25 – Transcrição do vídeo 3.5, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	Incidentally, Jesus name in Hebrew is Yeshua, means Jehovah is Savior! Elisha's name is Elohim-shua, means God is savior. It's a very similar name.	--	--
I1	É interessante que o nome de Jesus é Yeshua – Deus Salva –, e o nome de Elisha Elohim significa que Deus cura. É um nome parecido um com outro.	--	Omissão “in Hebrew” Erro de interpretação “means God is savior” Reformulação “É interessante que...”
I2	Bom, o nome de Jesus em hebraico significa... e que é parecido, o significado é muito parecido com o nome de “Naaman”.	sig	Omissão “Incidentally, Jesus name in Hebrew is Yeshua, means Jehovah is Savior! Elisha's name is Elohim-shua, means God is savior. Erro de interpretação “parecido com o nome de ‘Naaman’.” Hesitação significa... Reparo “e que é parecido, o significado é muito parecido”
I3	É interessante que o nome de Jesus em hebraico é... Jesus é “Joshua ou Josué Salva”, e o nome Eliseu em hebraico é “Elohim Salva” ... ou “Deus Criador Salva”	In Jesus ____ _____ Elohim ____	Inferência “Joshua ou Josué Salva” “Criador” Omissão “It's a very similar name.” Hesitação “é...” “... ou” Reparo “É interessante que...”
T1	O nome de Elias significa Deus é Salvador.	--	Omissão “Incidentally, Jesus name in Hebrew is Yeshua, means Jehovah is Savior!” “It's a very similar name.” Erro de interpretação: “Elisha”
T2	--	Trecho não interpretado

QUADRO 26 – Transcrição do vídeo 3.6, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	<p>Interesting thing about Elisha, he had a double portion of Elijah's spirit. Nobody ever came to Elisha with a problem that was turned away. He worked a miracle for everybody in need, whether the water tasted bad or their bottom tools were missing and that's how Jesus is, he cares about all of our needs, doesn't he? Well, pretty soon, Naaman made his way to the house of Elisha. Elisha doesn't even come out to see him, he sends a servant. You know, Jesus often send us messengers instead of speaking to us directly and the servant says, 'Go wash in the Jordan River seven times and your flesh will be restored... evidently his leprosy was advanced to the place where he maybe was even missing some of his extremities! Your flesh will be restored; he's in a pretty bad shape. And you'll be clean!</p> <p>Have you ever felt dirty and longed to be clean? Well, Naaman was insulted. First of all he is insulted that he's got to listen to the message of this little slave girl, then he's turned away by the king of Israel, then he comes to see Elisha the prophet. He is used to dealing in palaces with dignitaries and he doesn't even honor him with a personal visit, he sends out his servant, then he says: Go wash! Now, what is implied when someone says go wash? You're dirty!</p> <p>The Jordan River was not that clean, it was a sort of a brownish-green color. And when you are told to wash seven times, what is implied there? When you're told to wash seven times in a dirty river, what's implied? That was more than he could stand! He spun his chariot around in a rage, he is stormed off, he is shouting at the top of his lungs: Can't I go back to Damascus and wash in the rivers of Abana and Pharpar? Aren't they much cleaner than the waters of Israel?</p> <p>He was right! The rivers in Damascus were cleaner than the Jordan, but God says, "The Jordan". Does God mean what he says? God is specific, but God is merciful. And on his way back to Damascus, he had to go by the Jordan river...</p>	--	--
II	<p>Então, o Naamã ele era um cara bem recebido por todas as pessoas, ele era acostumado a ser recebido pelos reis, pelos generais, todos os lugares que ele ia, mas quando ele foi ver o Eliseu, não, Elias como eu disse "before", antes, é...ele nem foi recebido pelo Elias, ele foi deixado na porta e uma mensagem foi dada a ele através de um servo de Eliseu dizendo que ele fosse se lavar lá no rio Jordão. Deixe-me dizer uma coisa a você: o Eliseu, o Elias recebeu, o Eliseu recebeu uma porção dobrada de Elias e, sobre cura, então ele tinha recebido uma autoridade que foi transferida a ele por alguém que sabia mais que ele antes. Então, o Naamã, quando aparece na presença de Eliseu, ele esperava que fosse recebido por Eliseu, e o que ele recebeu foi uma mensagem de alguém. É interessante que Deus manda mensageiros, pessoas para nos trazer a mensagem, até nos dias de hoje. E uma outra coisa que aconteceu que é interessante, é que seria, o Eliseu mandou o Naamã se lavar. E quando você manda alguém se lavar o que você está querendo dizer com isso, que você é sujo. Essa pessoa é suja, então Naama se sentiu um pouco chateado também com isso, e a outra coisa que aconteceu é que ele mandou se lavar no rio Jordão, que é um rio muito sujo. E ele não mandou se lavar uma vez, ele mandou lavar-se sete vezes, isso significa que ele era muito sujo, e por causa disso o Eliseu [Naamã] ficou bastante irritado com essa situação toda e ele falou: "eu não vou fazer nada disso". Ele ficou muito chateado. Ele não foi recebido pelo rei de Israel, o rei de Israel não quis tratar do assunto dele, quando ele tava entrando em Israel ele não foi recebido pelo rei e não foi recebido também pelo Eliseu. Uma situação muito constrangedora e manda se lavar sete vezes num rio que era sujo.</p>	<p>7 times dirty Jordan – very dirty Deus é merciful</p>	<p>Reparo "Elisha e Elijah" "before, antes"</p> <p>Repetição</p> <p>Restruturaração</p> <p>Omissão "First of all he is insulted that he's got to listen to the message of this little slave girl!" "Elisha with a problem that was turned away. He worked a miracle for everybody in need, whether the water tasted bad or their bottom tools were missing and that's how Jesus is, he cares about all of our needs, doesn't he?" "Can't I go back to Damascus and wash in the rivers of Abana and Pharpar? Aren't they much cleaner than the waters of Israel?" "He was right! The rivers in Damascus were cleaner than the Jordan, but God says, "The Jordan". Does God mean what he says? God is specific, but God is merciful. And on his way back to Damascus, he had to go by the Jordan river..."</p> <p>Inferência "o Eliseu recebeu uma porção dobrada de Elias e, sobre cura, então ele tinha recebido uma autoridade que foi transferida a ele por alguém que sabia mais que ele antes."</p> <p>Hesitação "é..." [2x]</p> <p>Erro de tradução "Eliseu ficou bastante irritado"</p>

QUADRO 26 – Transcrição do vídeo 3.6, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
I2	E a bíblia diz que Eliseu, ele nunca dispensava ninguém que vinha até ele com um problema sem antes de oferecer um milagre para essa pessoa e, da mesma forma que Jesus... E nos diz também algo que... quem está sujo que se banhe, que seja limpo de seus pecados e que vá se banhar no rio Jordão. E, quando você diz para alguém se banhar, fica claro que a pessoas está suja. Quando você diz para alguém se banhar por sete vezes, o que isso significa? Você tá muito suja!	Elishah has a miracle Jesus dirty anlong to be river in the Jordan	Condensação Erro de Interpretação “E nos diz também algo que... quem está sujo que se banhe, que seja limpo de seus pecados e que vá se banhar no rio Jordão.” Omissão “Interesting thing about Elisha, he had a double portion of Elijah’s spirit. Nobody ever came to...” “Well, pretty soon, Naaman made his way to the house of Elisha. [...] Your flesh will be restored; he’s in a pretty bad shape.” “First of all he is insulted that he’s got to listen to the message of this little slave girl, [...] he sends out his servant” “When you’re told to wash seven times in a dirty river, what’s implied? [...] And on his way back to Damascus, he had to go by the Jordan river...” Hesitação “Jesus...” “que...”
I3	Agora, sabemos que Eliseu havia recebido, é..., porção dobrada do espírito de Elias. E ninguém foi, é..., retornou sem a benção quando procurado, procurou Eliseu. É... milagres, inúmeros milagres eram feitos. Assim também como Jesus, é assim que Jesus é. Você não volta de mãos vazias. Agora, é... Eliseu nem sai para fora para atender Naamã, ele manda um servo dele. Jesus também às vezes nos envia servos, e a mensagem do servo para Naamã foi: “Vá e lava-te sete vezes no Jordão”. Agora, é..., o que que isso significaria? É..., isso significaria lavar-se num rio sujo, é..., significava que ele estava considerando Naamã sujo. Agora, sabemos que talvez até parte das extremidades do corpo de Naamã estavam, é..., ele tinha perdido e ele se sentiu insultado. Ele foi insultado pelo rei que mandou ele para Eliseu, e foi agora insultado por ter que atender uma serva, insultado pelo rei de Israel e insultado agora por esse, é..., servo de Eliseu que o manda ir lavar-se sete vezes num rio Jordão. Então ele, é..., o que isso... imagine vocês, alguém falar pra você “Vá e lava-se no rio”, o que que isso está implicando? Dizendo que você está sujo, não é mesmo? Bom, sabemos que realmente que o Jordão era um rio sujo, uma cor esverdeada, amarronzada, e aquilo seria demais para Naamã. Então ele... ele decide ir embora, ele recusa aquilo e, ele..., ele pergunta antes disso, ele diz: “Será que eu não poderia me lavar nos rios Abana e o outro rio em Damasco que eram bem mais limpos?” De fato eram bem mais limpos. Mas Deus tinha sido específico. Falado “não, é para se lavar sete vezes no rio Jordão.” Agora sabemos que o rio Jordão estava no caminho de retorno de Naamã para a Síria.	Inte - Eli - trouble - Nobody - Miracle - Now that’s how Jesus - Elisha does →Jesus sends a se. →Go wash → Wash - some extremeties - insulted - turned →Go wash → →Jordan river →wash 7 - More - Storned off - Can’t Habana, →Rivers in Dam →God was spe →	Omissão “but God is merciful” Reparo “procurado, procurou Eliseu” “milagres, inúmeros milagres foram feitos” “até parte das extremidades do corpo de Naamã estavam, é..., ele tinha perdido “o que isso.. imaginem vocês” Reverbalização literal Hesitação “é...” [9x] “isso...” “Então ele...” “ele...”
T1	O “Naaman” visitou Elias. Elias tinha um grande espírito. Ele... não havia qualquer milagre que ele não conseguia realizar, qualquer boa ação que não conseguia realizar. Ele aconselhou “Naaman” a se banhar sete vezes no rio Jordão para se curar da lepra. É..., o visita ficou muito insultado e pensou, porque o rio Jordão era muito sujo e pensou em voltar para Damasco, porque os rios de lá eram mais limpos, mas, no caminho de volta, ele teve que passar pelo rio Jordão.	(Nam...) água conselho lepra do profeta vá se lavar no Rio Jordão 7x (Nam.) ficou insultado por Elias Jordão ← rios de Damasco	Hesitação “Ele...” “É...” Erro de Interpretação “Elisha” Reparo Condensação Omissão “that’s how Jesus is, he cares about all of our needs, doesn’t he?” “Well, pretty soon, Naaman made his way to the house of Elisha. Elisha doesn’t even come out to see him, he sends a servant. You know, Jesus often send us messengers instead of speaking to us directly and the servant says”

QUADRO 26 – Transcrição do vídeo 3.6, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
			<p>Omissão</p> <p>“evidently his leprosy was advanced to the place where he maybe was even missing some of his extremities!”</p> <p>“he’s in a pretty bad shape.”</p> <p>“Have you ever felt dirty and longed to be clean?”</p> <p>“First of all he is insulted that he’s got to listen to the message of this little slave girl [...] Now, what is implied when someone says go wash? You’re dirty!”</p> <p>“it was a sort of a brownish-green color. [...] He spun his chariot around in a rage, he is stormed off, he is shouting at the top of his lungs:”</p> <p>“wash in the rivers of Abana and Pharpar?”</p> <p>“Does God mean what he says? God is specific, but God is merciful.”</p>
T2	<p>Assim como Jesus também usa de mensageiros para chegar até as pessoas, o profeta Elias mandou um servente para se comunicar com... com ele. O servente mandou se lavar sete vezes no rio Jordão, porque assim a sua pele seria curada. Você já se sentiu sujo com vontade de ser limpo? Mas ele não ficou satisfeito, porque, imagina como você se sentiria se alguém te manda você se lavar, levando em consideração que o rio Jordão não era um rio tão limpo assim. E ainda mais se a pessoa te manda lavar sete vezes, significa que realmente a situação está muito feia. E ele se perguntava: “Será que eu não posso me lavar em outro rio mais limpo?” Mas não, Deus é específico. Ele havia mandado ele se lavar no rio Jordão.</p>	<p>7x Rio Jordão</p> <p>Serventes ↓</p> <p>Vc já se sentiu sujo c/ vontade de</p> <p>Como se sente quando alguém manda lavar</p> <p>ñ foi em um rio limpo</p> <p>poder lavar em outro rio</p> <p>Deus é específico</p>	<p>Restruuturação</p> <p>Condensação</p> <p>Omissão</p> <p>“Interesting thing about Elisha, he had a double portion of Elijah’s [...] Well, pretty soon, Naaman made his way to the house of Elisha”</p> <p>“First of all he is insulted that he’s got to listen to the message of this little slave girl [...] He is used to dealing in palaces with dignitaries and he doesn’t even honor him with a personal visit”</p> <p>“it was a sort of a brownish-green color.”</p> <p>“wash in the rivers of Abana and Pharpar?”</p> <p>“And on his way back to Damascus, he had to go by the Jordan river...”</p> <p>Erro de Interpretação</p> <p>“Elisha”</p> <p>“servant”</p> <p>Hesitação</p> <p>“com...”</p>

Cabe sublinhar que se trata, no QUADRO 26, de um excerto de vídeo longo que motivou diversas estratégias de interpretação, com destaque para a condensação, a omissão e a hesitação. Chama, contudo, a atenção o fato de que I3 praticamente interpretou tudo o que foi dito e na ordem em que foi dito, com exceção de um pequeno trecho, qual seja, “but God is merciful”.

Vale ainda salientar que a estratégia de reparo utilizada por I1 com relação ao nome do profeta Eliseu só acontece quando o orador menciona o nome dos dois profetas e deve ter ocorrido principalmente pela explicação do orador ao dizer que Eliseu recebeu porção dobrada do espírito de Elias. Quem conhece a história desses dois profetas sabe que Eliseu foi o discípulo direto e sucessor de Elias e que, antes de Elias ser levado para junto de Deus, a “unção/poder” de Elias foi passada para Eliseu com porção dobrada. A história do profeta

Elias está registrada na Bíblia, no Antigo Testamento, nos livros de Primeira Reis, capítulo 17, até Segunda Reis, capítulo 2. Por sua vez, a história do profeta Eliseu está registrada na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de Primeira Reis, no capítulo 19 até Segunda Reis, no capítulo 13.

QUADRO 27 – Transcrição do vídeo 3.7, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	You can be lost if you want to, but God is going to make it difficult for you. If you want to be lost, you've got that freedom, but you are gonna have to march over the broken body of Jesus on your way to destruction.	--	--
I1	Você pode tá perdido e, se você quiser continuar sendo perdido, você tem liberdade para fazer isso. Mas, se você quiser mudar, você pode fazer através de Jesus... caminhar em direção a Jesus Cristo.	lost freedom	Erro de Interpretação “mas se você quiser mudar você pode fazer através de Jesus... caminhar em direção a Jesus Cristo.” Hesitação “Jesus...”
I2	Bom, se você quiser se perder... você pode se perder se você quiser, mas o Senhor vai fazer com que isso seja difícil pra você... que se perder seja difícil.	be lost if u want God will make it dif to u	Omissão “but you are gonna have to march over the broken body of Jesus on your way to destruction.” “you've got that freedom” Hesitação “perder...” “difícil pra você”
I3	É..., você pode ficar perdido se assim você deseja, mas Deus vai fazer esse caminho difícil pra você. Você vai ter que marchar por cima do corpo de Jesus.	Lost _____ God make diffic	Omissão “you've got that freedom” Hesitação “É...”
T1	Se você quiser ficar perdido, você tem que se esforçar, porque Deus dificulta isso. Se você quiser ficar perdido você tem que passar por cima do que aquilo que Jesus representa.	Deus dificulta	Inferência “você tem que passar por cima do que aquilo que Jesus representa.”
T2	Você pode ficar perdido se você quiser, mas Deus vai fazer isso, ah..., muito difícil pra você. Você pode encontrar sua liberdade, mas você vai acabar voltando pra Jesus.	perdido	Erro de Interpretação “mas você vai acabar voltando pra Jesus.” Hesitação “ah...”

QUADRO 28 – Transcrição do vídeo 3.8, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	He and the cross stand in your way as an obstacle. And, when he came to the Jordan River as he was going by, his servants came to him. Listen, you see, they drew near, he had leprosy. They had to keep a distance, and now they are taking risk, and they draw near. They said, “Master, if he told you to go fight a battle or climb a mountain, do some great did, you would’ve done it. He says, ‘Wash and be clean’. You’re right here, what have you got to lose?”	--	--
I1	Então, no seu caminho para sua liberdade, vai haver sempre um obstáculo. No caso do Naamã, havia o obstáculo que era o rio Jordão. E ele teria que caminhar sobre ele. Quando nos referimos a Jesus, Jesus na cruz é o obstáculo pra sua libertação, mas você tem que passar por ele também. Então os servos do Naamã, quando ele rejeitou a entrar no rio Jordão, os servos dele falou: “O que você tem a perder? Você está aqui, o Jordão tá aí na sua frente, você não tem nada a perder. Você já tá leproso mesmo. Nós temos que manter uma distância de você, mas você está aqui, o rio tá aí, o que te impede de entrar lá?”	Leproso distance	Reestruturação Inferência “no caso do Naamã, havia o obstáculo que era o rio Jordão.” “Quando nos referimos a Jesus, Jesus na cruz é o obstáculo pra sua libertação, mas você tem que passar por ele também.” Erro de Interpretação “E ele teria que caminhar sobre ele.” “Nós temos que manter uma distância de você” Omissão ““Master, if he told you to go fight a battle or climb a mountain, do some great did, you would’ve done it.””
I2	Porque o Senhor, ele e a cruz; Ele se impõe através da cruz; se impõe a você através da cruz.	Ele e a cruz se impõem vc através da †	Erro de Interpretação “Porque o Senhor, ele e a cruz; Ele se impõe através da cruz; se impõe a você através da cruz.” Omissão “And, when he came to the Jordan River as he was going by, his servants came to him. [...] What have you got to lose?”
I3	E você vai ter que passar por cima da cruz, e assim também Deus vai colocar obstáculos no seu caminho para que você não seja destruído. E os servos, então, de Naamã, eles chegam perto dele. Mesmo sabendo que ele era um leproso, eles se aproximam dele e eles dizem então à Naamã: “Naamã, se tivessem te pedido para lutar uma batalha ou subir uma montanha, você não faria? Quanto mais descer ao rio!”	- He ___ cross obstacle - Draw near - Fight battle	Inferência “E você vai ter que passar por cima da cruz, e assim também Deus vai colocar obstáculos no seu caminho para que você não seja destruído.” Omissão “do some great did” “He says, ‘Wash and be clean, you’re right here, what have you got to lose?’”
T1	Quando “Naaman” chegou ao rio Jordão, os seus servos tinham que manter uma certa distância devido à lepra, mas eles disseram: “O que você tem a perder? Lave-se no rio.”	(Nam.) Rio Jordão Servos: lave-se	Condensação Omissão “He and the cross stand in your way as an obstacle.” “and now they are taking risk and they draw near.” ““Master, if he told you to go fight a battle or climb a mountain, do some great did, you would’ve done it.””
T2	Jesus e sua cruz são um obstáculo no seu caminho, então os serventes chegaram perto dele correndo o risco também de serem contaminados pela doença e disseram: “Se ele mandasse você subir uma montanha ou cruzar um rio, você faria, e você está aqui tomando banho, o que você tem a perder?”	Jesus † o que tem	Erro de Interpretação “serventes” “você está aqui tomando banho” Omissão ““Master, if he told you to go fight a battle””

QUADRO 29 – Transcrição do vídeo 3.9, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	First he gets a message from a little girl, then from the servant of Elisha, now from his own servants. You know, sometimes, it's not any one message that reaches us but a series of things that happened over the course of our life. Naaman thought that his problem was leprosy, his problem was pride. Good man, but he was a proud man. And he had to get all these massages from these humble sources and now he had to get off his high horse, take off his glittering armor there with everybody watching sort a humiliating to see all your leprosy, walk down in the muddy waters of the Jordan brushing aside the scum on the surface. And he dips himself down once and he comes up, he still got spots, still has leprosy; twice.		
I1	Então, o Naamã recebeu uma mensagem primeiramente da serva, da empregada de sua casa, ele recebeu uma mensagem do Eliseu, e também finalmente recebeu uma mensagem dos seus servos e o problema de Naamã, na verdade, não era sua lepra, mas sim o seu orgulho. Ele era um cara bem orgulhoso. Então, ali na presença dos seus servos diante do rio Jordão, ele teve que se despir de tudo aquilo que dava sua glória, suas roupas, seus escudos, suas espadas, suas armas, e ele mergulhou a primeira vez, mergulhou a segunda vez e olhava para si mesmo e não via nenhuma mudança da sua lepra.	Little g. Eliseu own servant pride / proud tirar suas roupas deep. once twice	Erro de Interpretação “ele recebeu uma mensagem do Eliseu” Omissão “You know, sometimes, it's not any one message that reaches us but a series of things that happened over the course of our life.” “walk down in the muddy waters of the Jordan brushing aside the scum on the surface.”
I2	Bom, e..., na nossa vida não vem apenas uma mensagem, geralmente vem uma sequência de mensagens de Deus direcionadas a nós... e que tem várias... existem várias fontes simples dessa mensagem. Ele fala sobre água... lameada...	little girl not 1 message but a series of message. humble sources. muddy water of	Omissão “Naaman thought that his problem was leprosy [...] And he dips himself down once and he comes up, he still got spots, still has leprosy, twice.” Reparo “e que tem várias... existem várias fontes” Hesitação “e...” “nós...” “água... lameada...”
I3	Então, Naamã agora está, é..., recebendo conselhos de uma pequena serva, depois, é..., dos seus servos, e uma série de coisas acontecem, é..., porque o problema principal de Naamã, ele pensava que era sua lepra, mas o seu problema principal era o orgulho. Então, ele passou por alguns processos para levá-lo a se humilhar. Então ele... acata e ele tira aquela... a sua armadura e entra naquela água é...suja do Jordão. Talvez empurrando ali a sujeira da água, e ele então mergulha uma vez na água, e levanta e a lepra, as feridas ainda estão ali. Então ele desce a segunda vez na água.	- Little - servant - " s - series that happen - These - Pride - Humble ser - take off - humi - scum sur - Dips - 2x	Hesitação “é...” [4x] “ele...” “aquela...” Inferência “Então, ele passou por alguns processos para levá-lo a se humilhar” Omissão “then from the servant of Elisha” “now he had to get off his high horse [...] there with everybody watching sort a humiliating to see all your leprosy”

QUADRO 29 – Transcrição do vídeo 3.9, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
T1	“Naaman” recebeu a primeira mensagem de uma pequena menina, também ..., a segunda mensagem de Elias, e a terceira mensagem dos seus servos. O problema de “Naaman” não era a lepra, era o orgulho. Ele era um homem orgulhoso, então ele pensou que não devia mergulhar naquele rio junto com a escória da terra, mas mesmo assim ele mergulhou. Uma vez, mas as manchas não sumiram. Mergulhou uma segunda vez.	1ª msg menina 2ª msg Elias 3ª msg servos (N..) → homem orgulhoso ↓ orgulho Mergulhou no rio 2x	Hesitação “também...” Erro de Interpretação “mensagem de Elias” “então ele pensou que não devia mergulhar naquele rio junto com a escória da terra” Omissão “You know, sometimes, it’s not any one message that reaches us but a series of things that happened over the course of our life” “now he had to get off his high horse [...] walk down in the muddy waters of the Jordan”
T2	Primeiro havia sido a mensagem da serva que cuidava dele, agora era a mensagem dos seus servos. Às vezes não é uma simples coisa que chama a nossa atenção, mas uma série de coisas que acontecem. O problema dele não era a lepra, o problema dele era o orgulho. Ele tinha que tirar o seu orgulho, deixar seu orgulho de lado e aceitar o conselho e a mensagem de humildes servos. Ele teve que tirar sua armadura, descer do cavalo e se..., e entrar ao rio.	msg – série de coisas servos lepra orgulho humilde tirar armadura humilhação desce ao rio	Hesitação “e se...” Erro de Interpretação “serva que cuidava dele” Omissão “, then from the servant of Elisha” “walk down in the muddy waters of the Jordan brushing aside the scum on the surface” “And he dips himself down once and he comes up, he still got spots, still has leprosy, twice.”

Trata-se, no QUADRO 27, de um trecho relativamente curto, o que provavelmente explica a baixa variedade de estratégias. Prevaleram o erro de interpretação e a omissão, cada um com duas ocorrências. Além disso, é interessante apontar que T1, ao dizer “Se você quiser ficar perdido você tem que passar por cima do que aquilo que Jesus representa”, faz menção a tudo o que Jesus fez para que o homem fosse salvo e encontrasse sua libertação Nele.

No QUADRO 28, observa-se o predomínio de estratégias de omissão, adotadas por todos os participantes. Outrossim, cabe mencionar que I3 recuperou um trecho da fala do vídeo anterior, “E você vai ter que passar por cima da cruz”, para fazer a conexão de ideias com o início da fala da interpretação desse vídeo.

No QUADRO 29, observa-se que a estratégia mais recorrente foi a omissão, utilizada por todos os participantes.

QUADRO 30 – Transcrição do vídeo 3.10, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
Orador	<p>He says, “What’s the use, I’m not gonna be any cleaner the third time than I was the second or the forth. Why not get out, it’s not working!” What did God say? How many times? When God says something, does he mean it? When God said to Joshua march around the city seven times and you’ll get the victory, the walls will fall and you’ll be blessed. It did not happen after six times. They marched around on the seventh day, seven times, they blew the trumpet and then God worked his power. When God said that he’s blessed the seventh day he means the seventh day. God is specific and a lot of people miss the power in blessing that God has for them because they think it doesn’t matter. They want to do it their way but Naaman, probably ready to quit and a servant said, ‘Look, you’ve gone this far, just do it seven times!’ and he complied, ‘What have I got to lose, I’m gonna go home and die. And he dipped down again three times, four times, five times, six times, seven times and he came up the seventh time, the spots were gone. He must have felt something, must have felt his flesh popping back in the position, fingers popping and toes popping back where they belong. I don’t know but he must have felt something and he was happy. The Bible says that his flesh was restored like the flesh of a little child! That always cracks me up! You picture this brave fearless general with baby skin! Soldiers, oh you are healed! Can I touch? You know, that’s what a Christian is, a Christian is a soldier who is a child of God. Except you become converted and become like little children, you cannot enter the kingdom of God.</p>		
11	<p>Quando ele diz alguma coisa pra você fazer, ele realmente quer que aquilo aconteça. Então, nós vemos lá que o Naamã teve que mergulhar sete vezes no rio. Não aconteceu a primeira vez, não aconteceu na segunda vez, na terceira vez, na quarta vez, na quinta vez, na sexta vez. Cada vez que ele entrava, ele olhava, nada acontecia, mas Deus tinha dado uma ordem para ele, assim como deu para Josué na batalha de Jericó, onde ele teve que circular Jericó, as fortalezas de Jericó, por seis dias, cada dia uma vez e no sétimo dia ele circulou Jericó por sete vezes e talvez nada acontecia, mas no sétimo dia Deus fez a obra e Jericó caiu. Assim o Naamã também, ele mergulhou seis vezes e ele poderia desistir na sexta vez. Ele falou: “Eu não tenho nada a perder, se eu voltar pra casa eu vou morrer.” Mas ele fez, ele mergulhou pela sétima vez e deve ter sentido algo especial, um toque especial de Deus agindo na vida dele, as coisas voltando pro lugar original onde deveria estar, e ele viu a sua carne sendo restaurada, provavelmente os soldados querendo tocar sua pele, falando: “Oh, posso tocar em você?” As pessoas começaram a ficar próximas dele novamente porque ele estava curado. Deus tem um propósito nisso tudo e realmente quer que isso aconteça.</p>	<p>says 7 ... 4 times 7 He means 7 days. Naaman .quit die → 7 Felt something His flesh was restored as baby Christian - child</p>	<p>Inferência “na batalha de Jericó” “Deus tem um propósito nisso tudo e realmente quer que isso aconteça” Condensação Omissão “You know, that’s what a Christian is, a Christian is a soldier who is a child of God. Except you become converted and become like little children, you cannot enter the kingdom of God.”</p>

QUADRO 30 – Transcrição do vídeo 3.10, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
12	Bom, e o poder e as bênçãos de Deus, elas não são exatamente como a gente quer, no momento que a gente quer, ele teve que insistir, “Naaman” teve que insistir sete vezes em se banhar no mesmo rio, ele... pode ser que você tente três vezes, quatro vezes ah.... Não é quando a gente espera, quando a gente acha que é a hora certa, mas tem que insistir, tem que ter insistência e fé. E..., a pele desse senhor foi curada, como... e foi transformada como a pele de uma criança. Então, é... o propósito é esse, que sejamos como uma criança mesmo pra poder... pra poder acessar o rio de Deus.	power and blessing 7 times 3 times/ 4 times flesh like a little child.	Hesitação “ele...” [3x] “ah...” “como...” “E...” “É...” “poder...” Erro de Interpretação “ele teve que insistir” Reestruturação Condensação Inferência “ter insistência e fé” Omissão “He says, ‘What’s the use, I’m not gonna be any cleaner the third time than I was the second or the forth. Why not get out, it’s not working!’” “When God said to Joshua march around the city seven times [...] When God said that he’s blessed the seventh day he means the seventh day.” “but Naaman, probably ready to quit and a servant said, ‘Look, you’ve gone this far, just do it seven times!’ and he complied, ‘What have I got to lose, I’m gonna go home and die’” “He must have felt something [...] I don’t know but he must have felt something and he was happy.”
13	E... e ele levantou então saindo da água após a segunda vez, terceira vez, ele falou: “Mas, pra que tudo isso, não vai adiantar nada!”. Mas quantas vezes Deus tinha pedido pra ele mergulhar no rio Jordão? Sete vezes. Quando Deus fala algo, Ele é específico no que Ele diz. E, assim como Josué, que Deus falou pra ele marchar sete vezes ao redor das muralhas e elas cairiam, assim também, é..., eles tiveram no sétimo dia que marchar sete vezes para que tivessem a vitória! Deus, Ele quer dizer o que Ele quer dizer, Ele é específico. Às vezes nós pensamos: “Ah, tanto faz! Não precisa ser exatamente!” Mas nós precisamos estar prontos a fazermos exatamente o que Deus diz. Então os servos, é..., conseguem convencer, falando: “Mas, não custa nada você, é..., mergulhar as sete vezes!” Então, ele pensou consigo mesmo: “Bom, já estou aqui, é..., quê que eu vou fazer? Eu vou embora morrer em casa?”. Então, certamente ele obedeceu ali e desceu as sete vezes ali na água. Ele deve ter sentido algo acontecendo, a sua pele foi renovada como a de uma criancinha. Ele foi curado e os soldados ficaram maravilhados, tipo assim: “Deixa eu encostar em você para ver a sua pele!” Imagine vocês, um soldado, um... aliás, um general velho, mas com uma pele de criança. Mesma coisa acontece conosco, como cristãos. Nós somos soldados, mas somos ainda como crianças, porque a palavra de Deus diz que, é..., nós temos que nascer de novo. É..., o reino de Deus é para as crianças. Nós temos que nos tornar como crianças.	- What’s the use - 3 - Not - When God ... - Joshua 7x Walls → 7th day → God means → “specific” → It doesn’t matter → Ready to → → What loose Go home - Ele deve ter sentido algo He washap Like a little ... Soldiers - Chris Soldiers Child - You como	Hesitação “E...” “é...” [6x] “um...” Inferência “o reino de Deus é para as crianças.” “a palavra de Deus diz que é... nós temos que nascer de novo.” Repetição Reverbalização literal

QUADRO 30 – Transcrição do vídeo 3.10, com as respectivas anotações dos participantes e estratégias adotadas

Participante	Fala	Anotações	Estratégia
T1	<p>“Naaman” mergulhou três, quatro vezes e pensou: “Não ficarei mais limpo do que já estou”, mas Deus ordenou que mergulhasse sete vezes. Deus é específico, mas as pessoas não se importam com isso. Um servo aconselhou “Naaman” a deixar o orgulho de lado e mergulhar as sete vezes e ele pensou, “Não tenho nada a perder”. Então ele mergulhou as sete vezes e saiu curado do rio. O cristão é um soldado que é um filho, uma criança aos olhos de Deus.</p>	<p>“Ñ ficarei mais limpo” 3x... 4x... 7x Deus ordenou 7x Deus é específico Pessoas ã se importam Servo aconselhou (N...) mergulhou 7x Limpou, curado (N...) tem sua pele curada O cristão é um soldado que é um filho, uma criança de Deus</p>	<p>Condensação Omissão “How many times? When God says something, does he mean it? [...] When God said that he’s blessed the seventh day he means the seventh day.” “He must have felt something [...] Can I touch?” “Except you become converted and become like little children, you cannot enter the kingdom of God.”</p>
T2	<p>Na segunda vez que ele mergulhou no rio, ele viu que ainda não havia sido curado. Então, pensou: “Eu posso mergulhar quantas vezes me pedirem, mas isso não vai adiantar.” Mas Deus é específico, se ele disse sete vezes, ele quer dizer sete vezes. Se ele pede pra você marchar na cidade sete dias, ah..., ele vai fazer sua glória acontecer no sétimo dia. Deus é específico, mas muitas pessoas deixam a graça passar porque acham que isso não importa. Mas então ele disse: “Eu já estou aqui e eu vou me banhar sete vezes, o que eu tenho a perder?” Na sétima vez que ele se, que ele mergulhou, ele estava curado. Ele deve ter sentido algo. Ele deve ter sentido sua pele voltando pro lugar. A Bíblia diz que, quando ele foi curado, ele voltou a ter uma pele de bebê e é isso que um cristão é. O cristão é uma criança de Deus e não se entra no reino dos céus se não for como uma criança.</p>	<p>Seg. vez Deus disse 7x Ele quer dizer isso Deus é esp Ñ se importam O que eu tenho a perder na 7ªx ele estava curado sentiu algo, pele de bebê Cristão é uma criança de Deus ã entra no Reino</p>	<p>Hesitação “ah...” Condensação Omissão “but Naaman, probably ready to quit and a servant said, ‘Look, you’ve gone this far, just do it seven times!’” “a Christian is a soldier”</p>

Todos os participantes, com exceção de I3, adotaram as estratégias de omissão e condensação. Ao contrário dos demais, I3 chega a adotar reverbalização literal em quase toda a sua interpretação.

Além disso, I1 faz uma inferência quando diz “na batalha de Jericó”. O orador não fala o nome da cidade “Jericó”. Essa foi a primeira batalha dos israelitas na terra prometida, sendo Josué o sucessor de Moisés. Deus havia dado instruções específicas para Josué de como faria com que as fortalezas/muralhas de Jericó caíssem e a cidade fosse conquistada. A história da batalha de Jericó está registrada na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de Josué, capítulo 6.

Observações gerais

Por meio de observações diretas resultantes da presença da pesquisadora no ambiente de coleta de dados durante a realização de todos os experimentos, foi possível identificar alguns comportamentos dos participantes.

Tanto T1 como o T2 perguntaram qual a modalidade que eles deveriam interpretar, por entenderem claramente as diferenças entre as modalidades existentes, e, após a explicação sobre cada parte do experimento, ficaram à postos, conscientes de que precisariam fazer anotações. No entanto, o participante I1 e I3 não fizeram essa distinção e também não estão acostumados com a prática de anotações na igreja. I1, mesmo depois da explicação e entendendo que só poderia interpretar quando o vídeo parasse, ainda assim hesitava em parar o vídeo, por ser muito longo; outras vezes, enquanto ouvia o vídeo, de repente se lembrava de que precisava anotar algo. I3 depois de ter ficado claro que precisaria anotar, “corria contra o tempo” para anotar tudo que podia, inclusive frases completas. Entende-se que I1 e I3 não conheciam sobre as técnicas de anotações.

A princípio, a ideia das gravações seria de analisar as falas reproduzidas com e sem anotações. No entanto, o experimento acabou direcionando o comportamento dos participantes. Na igreja, a anotação não é uma prática comum para os intérpretes durante o processo, mas, como a pesquisadora teve que dar as instruções para as gravações, fez-se necessário a explicação de que haveria períodos longos de fala e sugeriu-se que havia a possibilidade de se fazer anotações, porque possivelmente não se lembrariam de tudo. A esse respeito, sublinha-se inclusive que foram fornecidos papéis e canetas antes mesmo do início da coleta de dados.

4.2.2 Análise quali-quantitativa

Inicia-se a análise quali-quantitativa com a TAB. 1, que mostra as estratégias de interpretação adotadas pelos participantes. Para cada estratégia e participante, tem-se que o número anterior à barra inclinada (“/”) se refere à Parte 2 do experimento, enquanto o número posterior se refere à Parte 3 do experimento. A coluna “Total” representa os somatórios por participantes, enquanto a linha “Total” contém os somatórios por estratégia. Cabe apontar ainda que as estratégias foram contabilizadas apenas uma vez para cada vídeo e participante,

independentemente de terem sido utilizadas diversas vezes ao longo da interpretação de um participante para o mesmo excerto do vídeo.

TABELA 1 – Estratégias de interpretação adotadas por tipo e por participante

Part.	Rev.	Omi.	Inf.	Con.	Ref.	Res.	Exp.	Rep.	Repe.	Hes.	Err.	Tre.	Total
I1	8/0	6/8	1/5	0/3	1/3	0/2	0/0	0/2	0/1	0/4	5/6	0/0	21/34
I2	6/0	5/8	0/1	0/2	2/0	0/1	2/0	2/3	0/0	0/6	4/5	0/1	21/26
I3	11/3	2/7	0/5	0/2	2/1	0/1	0/0	2/3	0/1	2/9	1/1	0/0	20/33
T1	8/0	3/8	1/1	0/5	3/0	0/0	1/0	2/0	0/0	0/4	0/5	2/0	20/23
T2	9/0	5/8	0/1	0/3	1/1	0/1	0/1	0/0	0/0	0/5	1/6	1/2	19/26
Total	42/3	21/39	2/13	0/15	9/5	0/5	3/1	6/8	0/2	2/28	11/23	3/3	101/143

Nota: Part.=participante; Rev.=reverbalização literal; Omi.=omissão; Inf.=inferência; Con.=condensação; Ref.=reformulação; Err.=erro de interpretação; Hes.=hesitação; Res.=reestruturação; Exp.=expansão; Rep.=reparo; Repe.=repetição; Tre.=trecho não interpretado; Tot.=total.

Como se pode observar na TAB. 1, as estratégias de omissão e reverbalização literal foram as mais comuns entre os participantes, sendo que a reverbalização literal praticamente só ocorreu na primeira etapa da pesquisa e a omissão se distribuiu mais homogênea entre as partes do experimento. Em se tratando da reverbalização literal, cabe apontar a dificuldade de se estabelecer essa estratégia ao interpretar longos segmentos, típicos da Parte 3, quando são comuns estratégias de condensação e omissão, as quais dificultam a identificação de trechos de reverbalização literal.

Destaca-se, na TAB. 1, que as estratégias de condensação, reestruturação e repetição apenas ocorreram na Parte 3 do experimento, em que se contou com trechos mais longos. Parece que são estratégias que, juntamente com a inferência (que também teve predominância na Parte 3), permitem ao intérprete lidar com a dificuldade de armazenamento de muita informação na memória de trabalho. Em contrapartida, a estratégia de expansão, apesar da pouca ocorrência, teve predominância na Parte 2 do experimento, o que parece ser justificável em função do tamanho curto dos trechos a serem interpretados de cada vez. Por sua vez, o reparo parece ter ocorrido sem ligação aparente com os tamanhos dos segmentos.

Além disso, cabe apontar que a hesitação e o erro de tradução, embora não sejam típicas estratégias de interpretação, mas indicativos de dificuldade de processamento e esforço cognitivo, foram mais evidentes na Parte 3, o que provavelmente está associado com o volume de informações a ser interpretado.

Em se tratando do perfil de participantes, observa-se uma maior variedade de estratégias sendo utilizadas pelos intérpretes da igreja. Entre os tradutores, chama à atenção o predomínio de trechos não interpretados, o que, juntamente com a menor variedade de estratégias utilizadas, pode sinalizar, em termos do ensino da interpretação, que os tradutores em formação devem aprender estratégias mais eficientes ao se depararem com trechos difíceis, a fim de que a audiência não perceba que o profissional não está sendo capaz de interpretar determinados trechos.

A TAB. 2, por sua vez, mostra a duração de cada fala em segundos. Observe-se que os “zeros” correspondem a trechos para os quais não houve interpretação.

TABELA 2 – Duração de cada fala em segundos

Vídeo	Original	I1	I2	I3	T1	T2
2.1	3	5	5	6	3	4
2.2	5	5	5	7	0	9
2.3	2	4	3	3	0	6
2.4	5	8	7	7	4	3
2.5	3	5	6	6	5	5
2.6	2	2	4	5	4	3
2.7	2	2	2	2	2	2
2.8	2	2	4	3	2	3
2.9	2	3	3	5	2	3
2.10	2	2	2	3	3	2
2.11	3	3	11	9	4	3
2.12	7	8	5	13	7	6
2.13	2	2	2	2	2	2
2.14	3	3	2	3	2	2
2.15	4	4	9	7	5	5
2.16	2	2	3	3	3	0
3.1	36	51	44	40	15	31
3.2	51	47	49	66	19	30
3.3	16	22	0	34	9	8
3.4	4	3	7	7	4	0
3.5	12	13	14	23	3	0
3.6	120	145	45	168	34	66
3.7	12	19	14	15	11	12
3.8	24	42	9	37	10	22
3.9	44	43	26	62	26	34
3.10	95	90	50	132	28	58

O teste F revelou que há diferença significativa ($p=0,45$) na duração das falas entre os intérpretes da igreja e os formandos de tradução. Observando-se as médias, tem-se que os intérpretes da igreja geralmente falam por mais tempo que os formandos em tradução (19,6 s

contra 10,1 s, sendo que o original apresentava 17,8 s de duração em média). Chama à atenção na TAB. 2 que as falas dos intérpretes são ainda mais longas na Parte 3 do experimento, com destaque para o comportamento de I1 e I3. I2, em alguns casos, parece estar em posição intermediária entre os intérpretes e os formandos em tradução.

Desconsiderando-se I2 na comparação entre os grupos, observa-se um nível de significância ainda maior na diferença entre os dois grupos ($p=0,020$). Sem esse participante, a média dos intérpretes passa para 23,1 s, valor maior que o dobro daquele verificado entre os intérpretes (10,1 s).

Cabe ainda apontar que, pelo teste de correlação de Pearson, foi observada uma correlação forte, positiva e significativa ($p=0,000$), de 0,838 entre o tempo do original e o tempo de interpretação. Em outras palavras, quanto maior o tempo de duração do excerto original, maior o tempo empreendido para a sua interpretação.

A TAB. 3 apresenta o número de palavras utilizadas na interpretação de cada trecho de vídeo. Observe-se que os “zeros” correspondem a trechos para os quais não houve interpretação. O teste F indicou que não há diferença significativa ($p=0,45$) na duração das falas entre os intérpretes da igreja e os formandos de tradução. Observando-se as médias, contudo, tem-se que os intérpretes da igreja geralmente usam mais palavras que os formandos em tradução (39,5 contra 27,1, sendo que o original apresentava 55,5 palavras em média). Chama a atenção na TAB. 3 que o número de palavras dos intérpretes são ainda maiores na Parte 3 do experimento, com destaque para o comportamento de I1 e I3. I2, em alguns casos, parece estar em posição intermediária entre os intérpretes e os formandos em tradução.

Desconsiderando-se I2 na comparação entre os grupos, observa-se que o nível de significância ainda é superior a 5% ($p=0,119$). Sem esse participante, contudo, a média dos intérpretes passa para 46,7, valor superior àquele verificado entre os intérpretes (27,1).

TABELA 3 – Tabela de número de palavras

Vídeo	Original	I1	I2	I3	T1	T2
2.1	9	9	11	12	11	12
2.2	13	10	8	10	0	6
2.3	6	5	7	5	0	5
2.4	12	16	11	12	11	9
2.5	13	12	11	14	10	14
2.6	8	6	8	9	13	9
2.7	3	3	5	3	3	3
2.8	7	6	7	7	7	7
2.9	7	7	7	8	7	7
2.10	5	5	5	5	5	5
2.11	12	5	15	10	9	6
2.12	19	24	10	19	22	14
2.13	3	3	3	3	3	3
2.14	6	6	6	5	4	5
2.15	13	9	14	13	11	6
2.16	5	4	5	4	4	0
3.1	98	107	88	65	28	81
3.2	157	90	75	107	41	73
3.3	55	40	0	57	23	17
3.4	11	12	11	12	10	0
3.5	25	28	22	30	8	0
3.6	374	355	91	298	83	132
3.7	46	34	30	29	31	29
3.8	93	117	20	74	31	52
3.9	136	105	35	105	70	84
3.10	307	226	111	267	82	167

Cabe ainda apontar que, pelo teste de correlação de Pearson, foi observada uma correlação forte, positiva e significativa ($p=0,000$), de 0,858 entre o número de palavras do original e o número de palavras empregadas na interpretação. Em outras palavras, quanto maior o número de palavras do excerto original, maior o número de palavras utilizadas para a sua interpretação.

Já a TAB. 4 disponibiliza a duração, em segundos, das pausas existentes antes do início de cada interpretação, ou seja, *décalage* (head start). Observe-se que os “zeros” correspondem a trechos para os quais não houve interpretação e que os valores “1” foram utilizados para sinalizar qualquer pausa próxima de zero ou inferior a 2 segundos, uma vez que, por serem muito curtas e por ter sido feito um levantamento manual dos dados, não era possível precisar exatamente a sua duração em milissegundos.

O teste F indicou que não há diferença significativa ($p=0,72$) na duração das pausas pré-tradução entre os intérpretes da igreja e os formandos de tradução. No entanto, observando-se

as médias, tem-se que os intérpretes da igreja geralmente despendem menos tempo de pausa pré-tradução (*décalage*) que os formandos em tradução (3,1 s contra 7,4 s). Chama a atenção na TAB. 4 que, com exceção de I1, o tamanho das pausas de todos os participantes é ainda maior na Parte 3 do experimento, com destaque para o comportamento de I3 e T2. A maior pausa pré-tradução foi observada no excerto 3.6 para o participante T2.

TABELA 4 – *Décalage*, em segundos

Vídeo	Original	I1	I2	I3	T1	T2
2.1	--	1	3	3	2	3
2.2	--	1	9	1	0	1
2.3	--	1	2	1	0	2
2.4	--	1	1	1	1	1
2.5	--	1	1	1	2	1
2.6	--	1	1	1	1	1
2.7	--	1	1	1	1	1
2.8	--	1	1	1	1	1
2.9	--	1	1	1	2	1
2.10	--	1	1	1	1	1
2.11	--	1	2	1	1	1
2.12	--	1	1	1	2	1
2.13	--	1	1	1	1	1
2.14	--	1	1	1	1	1
2.15	--	1	1	1	1	1
2.16	--	1	1	1	5	0
3.1	--	1	4	70	4	63
3.2	--	1	1	20	3	51
3.3	--	1	0	11	9	5
3.4	--	1	1	9	2	0
3.5	--	1	2	1	1	0
3.6	--	1	2	9	4	99
3.7	--	2	4	2	1	5
3.8	--	1	1	9	2	6
3.9	--	2	2	6	3	15
3.10	--	1	2	5	10	24

Desconsiderando-se I2 na comparação entre os grupos, observa-se que o nível de significância ainda é superior a 5% ($p=0,197$). Sem esse participante, contudo, a média dos intérpretes passa para 3,6 s, valor superior àquele verificado entre os intérpretes (7,4). Ao que parece, as pausas anteriores à interpretação, que sinalizam o tempo de reação dos participantes, apresentam características mais idiossincráticas do que relacionadas com o tamanho do excerto ou o grupo a que pertence o participante.

A TAB. 5 exibe as pausas, em segundo, identificadas durante a interpretação. Observe-se que os “traços” correspondem a trechos para os quais não foram identificadas pausas iguais ou superiores a três segundos.

TABELA 5 – Pausas em segundos durante a interpretação

Vídeo	Original	I1	I2	I3	T1	T2
2.1	--	--	--	--	--	--
2.2	--	--	--	--	--	--
2.3	--	--	--	--	--	--
2.4	--	--	--	--	--	--
2.5	--	--	--	--	--	--
2.6	--	--	--	--	--	--
2.7	--	--	--	--	--	--
2.8	--	--	--	--	--	--
2.9	--	--	--	--	--	--
2.10	--	--	--	--	--	--
2.11	--	--	--	--	--	--
2.12	--	--	--	--	--	--
2.13	--	--	--	--	--	--
2.14	--	--	--	--	--	--
2.15	--	--	--	--	--	--
2.16	--	--	--	--	--	--
3.1	--	5	--	6	--	--
3.2	--	--	4	--	--	--
3.3	--	--	--	--	--	--
3.4	--	--	--	4	--	--
3.5	--	--	5	--	--	--
3.6	--	3	--	--	--	--
3.7	--	--	--	--	--	--
3.8	--	--	--	--	--	--
3.9	--	--	--	--	--	--
3.10	--	--	--	--	--	--

Não foi possível realizar testes estatísticos para os valores apresentados na TAB. 5, dado que houve apenas seis ocorrências de pausas iguais ou superiores a três segundos durante a interpretação de algum trecho do vídeo. Esse dado mostra, todavia, que os participantes evitam “espaços vazios de fala” durante a interpretação.

No Capítulo 5, procede-se a uma discussão dos resultados desta pesquisa à luz do referencial teórico explicitado no Capítulo 2.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a discussão dos resultados, retomam-se aqui as perguntas de pesquisa que nortearam o desenvolvimento desta monografia. Nos parágrafos que seguem, reproduz-se cada uma das quatro perguntas de pesquisa para, em seguida, discutir os resultados pertinentes.

1. Dentre as modalidades e os tipos de interpretação descritos nos estudos de tradução, em qual se insere a prática da interpretação de uma igreja evangélica de Uberlândia?

Um dos objetivos dessa pesquisa foi de investigar como acontece a interpretação em uma igreja evangélica da cidade de Uberlândia. Tomou-se como ponto de partida para essa análise a descrição feita pelos três intérpretes voluntários participantes da pesquisa, conforme evidenciado no Capítulo 4 a partir das respostas que forneceram ao questionário prospectivo aplicado.

De acordo com a descrição feita pelos intérpretes voluntários, a interpretação acontece em duas situações diferentes. Uma das situações é descrita no púlpito – local elevado utilizado pelo orador para falar; a outra diz respeito às filas de oração.

No púlpito, o intérprete se coloca ao lado do preletor e interpreta diante de um público. As sentenças geralmente não são muito longas e nenhuma anotação é feita durante a interpretação. A modalidade utilizada se aproxima muito da interpretação intermitente descrita por Pagura (2003) ou da interpretação consecutiva monológica descrita por Jiménez-Ivars (2002).

Esse tipo de interpretação que ocorre no púlpito se assemelha, em certa medida, ao de conferência, pois a fala é unidirecional, ou seja, é direcionada a um número grande de pessoas. Isso também ocorre na Coreia, e, segundo Shin (2013), espera-se que o intérprete de púlpito, tal qual o de conferências, tenha um bom desempenho e desenvoltura na interpretação. No entanto, a interpretação na igreja em tela também possui algumas

características do tipo comunitária pelo fato de o intérprete poder pedir ao preletor que repita ou reformule uma fala ou frase ou mesmo poder interromper o orador se acaso a fala ficar muito longa. Na Coreia, Shin afirma que as semelhanças com o tipo comunitária decorrem do contexto intrassocial descrito por Pöchhacker (2004), ou seja, do fato de ser feita por membros de uma mesma comunidade, e da falta de treinamento específico na área. Essa realidade também é vista na igreja em tela. Assim, podemos afirmar que a interpretação de púlpito apresenta traços similares à interpretação de conferência e à também comunitária.

Em se tratando das filas de oração, entende-se que o tipo refere-se ao de interpretação comunitária por se tratar de uma interpretação dialogada (face-a-face e bidirecional), sem a tomada de notas e dirigida a um “cliente” dentro de uma situação de comunicação como aquela do contexto “hospitalar, forense, judiciário e similares” (ORIGUELA, 2014, p. 226). A modalidade utilizada para esse tipo de interpretação, no caso da igreja em questão, é a intermitente, conforme descrita por Pagura (2003), ou consecutiva dialógica, conforme descrito por Jiménez-Ivars (2002). No entanto, cabe apontar que, de acordo com a descrição de I2, muitas vezes o intérprete precisa chegar bem próximo do ouvido da pessoa interpretada para que possa ouvir a sua fala (e vice-versa), o que acontece por causa da grande quantidade de pessoas num mesmo ambiente; nesse sentido, a interpretação em filas de oração também guarda similaridades com a “interpretação sussurrada”.

Como se pode observar, a definição de modalidade “interpretação intermitente”, conforme descrita por Pagura (2003), é muito ampla e abarcaria duas modalidades de interpretação bastante distintas no contexto da igreja evangélica abordada na presente pesquisa. Nesse aspecto, a distinção entre interpretação consecutiva monológica e interpretação consecutiva dialógica, conforme apontada por Jiménez-Ivars (2002), parece destacar melhor as diferenças entre as interpretações de púlpito e as interpretações de filas de orações.

Ademais, conforme se pôde identificar pelas respostas dos participantes, a afirmação de que os intérpretes que realizam interpretações intermitentes são desprovidos de treinamento formal em interpretação (PAGURA, 2003), não foi totalmente corroborada, haja vista que I2 tem formação em tradução e interpretação. Já a afirmação de que a interpretação intermitente é a que prevalece no contexto religioso (SILVA, 2013) pode ser corroborada na presente pesquisa quando se leva em consideração que a interpretação de púlpito e a interpretação de filas de oração ocorrem como interpretações intermitentes.

2. *Qual o perfil do intérprete voluntário dessa comunidade?*

Por meio da resposta do questionário, foi possível observar que há dois perfis específicos de intérpretes voluntários da igreja: os de púlpito e os de filas de oração. Esses intérpretes são pessoas que professam a mesma fé, executam o trabalho voluntariamente, geralmente são fluentes nas duas línguas e podem possuir ou não formação na área de tradução/interpretação.

Há certa diferenciação entre os intérpretes de púlpito e os das filas de oração. Os de púlpito são normalmente pessoas convertidas há muitos anos, possuem o conhecimento mais aprofundado da Bíblia, são considerados pessoas idôneas que já passaram pelos processos de membresia¹¹ da igreja. Já os intérpretes das filas de oração encontram “exigências” não tão específicas assim. Alguns deles conseguem se comunicar na língua inglesa, mas não têm o domínio dessa língua. No entanto, seu trabalho é útil devido à escassez de intérpretes para esse tipo de evento específico, no qual há um grande número de missionários de outros países. Vale ressaltar que I2 consiste em um perfil diferenciado de I1 e I3, principalmente pela sua formação em tradução/interpretação. Tal formação, contudo, não lhe garante um desempenho do mesmo padrão que I1 e I3, mais acostumados ao tipo de interpretação que foi exigido no experimento realizado na presente pesquisa, e tampouco lhe garante se sobressair em relação aos formandos em tradução que também realizaram o mesmo experimento.

3. *Comparando-se os intérpretes voluntários com profissionais com formação em tradução (i.e., aluno formandos do curso de bacharelado em tradução do ILEEL/UFU), em que medida o conhecimento de domínio pode influenciar na interpretação?*

Para essa pergunta, foi levantada a seguinte hipótese:

H1: o intérprete que está familiarizado com o assunto em questão (i.e., tem conhecimento de domínio para aquela tarefa) tem maiores chances de desempenhar uma interpretação com menor esforço do que um intérprete sem conhecimento de domínio na

¹¹ Membresia: Grupo de pessoas que formam uma organização com uma norma ou princípios comuns a todos os participantes. Disponível em: <www.dicionarioinformal.com.br/membresia/>. Acesso em: 30 jun. 2015.

área (*i.e.*, alunos formandos do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia).

Com o experimento feito com a gravação da interpretação dos vídeos dos cinco participantes da pesquisa, pôde-se observar que o conhecimento de domínio realmente parece influenciar positivamente na interpretação. Com exceção de I2, que não possuía o conhecimento do assunto em questão e tampouco experiência em púlpito, I1 e I3 conseguiram, em geral, cobrir quase todos os pontos da fala do orador, devido à sua capacidade de interconectar o conhecimento de domínio e o discurso utilizado para o meio religioso, adotando inclusive recursos retóricos do orador, como repetições, ênfases (vide, por exemplo, a interpretação do vídeo 2.14: enquanto um dos intérpretes disse que “Ele era rico, ele era famoso”, um dos tradutores disse que “ele era rico, famoso”) e marcas de oralidade (vide, por exemplo, marcadores como “Bom”, “E”, “Então”, “Agora” e “né” presentes em diversos trechos nos QUADROS 4 a 30). Esse resultado corrobora: Scardamalia e Bereiter (1991) em suas observações sobre expertise; Nida (1964, p. 150 *apud* PAGURA 2003), que fala sobre “as sutilezas de significado, o valor emotivo significativo das palavras e as características estilísticas que determinam o ‘sabor e sentimento’ da mensagem”; Marcuschi (2007, p. 117 *apud* LOPES, 2011, p. 3206), que aponta como o conhecimento mútuo confere traços comuns de linguagens a uma comunidade discursiva; e Lederer (2003), que discorre sobre o conhecimento de mundo e sua ativação quando da existência de estímulos internos e externos.

Ao analisar a descrição e observações feitas pelos três intérpretes da igreja com respeito ao desempenho tanto do orador quanto do intérprete, observam-se interconexões com o que Gerver (1971 *apud* PÖCHHACKER 2004, p. 129) afirma. Pode-se fazer essa associação ao se ouvirem os vídeos – a fala do orador é recheada de ênfases, entonações, gestos e pequenas pausas, o que ajuda o intérprete a absorver o conteúdo principal e se lembrar de alguns detalhes da mensagem. Nas pregações em que há a figura do intérprete, espera-se que, em sua interpretação, haja, além da reverbificação, a imitação das expressões corporais, juntamente com toda ênfase feita na fala do orador. Silva (2013) faz uma analogia do desempenho de um intérprete de púlpito ao de um ator, o que parece ser sinalizado em alguns excertos das traduções dos intérpretes voluntários que participaram da presente pesquisa.

T1 e T2, por sua vez, ativeram-se em se concentrar em transferir o conhecimento adquirido em cada vídeo, transmitindo o que entenderam como algo significativo de cada parte. Ambos

tenderam a ser mais sucintos e diretos ao fazerem a reprodução da mensagem. Contudo, cabe sublinhar que, mesmo sem o conhecimento de domínio e com pouca prática de interpretação, os alunos formandos de tradução conseguiram desenvolver um trabalho satisfatório com relação à interpretação dos vídeos.

Além disso, chama à atenção que, do ponto de vista processual, o conhecimento de domínio dos intérpretes voluntários da igreja não necessariamente implica interpretar mais rápido. Pelo contrário, dada a experiência e dado o conhecimento que tinham do assunto, muitas vezes falaram tantas palavras e por tanto tempo quanto o preletor. Em contrapartida, os tradutores omitiram mais, falando menos palavras e por menor período de tempo.

4. Qual o impacto de diferentes volumes de informação no desempenho do intérprete?

A hipótese levantada para essa pergunta foi a seguinte:

H2: Um volume grande de informações, traduzido em períodos prolongados de fala do orador, afetará negativamente o desempenho do intérprete.

Essa hipótese não pôde ser confirmada nem refutada. Apenas foi possível verificar que o maior volume de informações levou a um maior número de palavras sendo interpretadas e a uma maior duração das interpretações. Embora esse número possa, em princípio sinalizar um esforço cognitivo, parece que, em se tratando dos intérpretes voluntários da igreja, não é exatamente esse o caso. Conforme apontado para a hipótese H1, a sua desenvoltura com o tema e a prática de interpretação é tal que o maior número de palavras e o maior tempo para tradução parecem ser indicativos de desempenho eficiente, mais do que de problemas de interpretação. Além disso, quando observados os dados da tabela de estratégias, pôde-se verificar que estratégias de tradução distintas foram utilizadas na interpretação de trechos mais longos, o que evidencia uma acomodação dos participantes às condições impostas pela duração da fala do orador. Nesse caso, a omissão e a condensação, por exemplo, parecem ter sido estratégias eficientes para lidar com as dificuldades de se processar um grande volume de informação na memória de trabalho, que é limitada por natureza (MILLER, 1967 *apud* DRAGSTED, 2004; ERICSSON; KINTSCH, 1995 *apud* DRAGSTED 2004).

Miller (1967 *apud* DRAGSTED, 2004) explica que a memória armazena informações em forma de *chunks*, e Ericsson e Kintsch (1995 *apud* DRAGSTED, 2004) apontam que esses *chunks* podem aumentar em quantidade ou tamanho dentro de um domínio específico. Um exemplo disso é observado na transcrição da fala de I1, no vídeo 3.6, para o qual produz um longo texto de 333 palavras com apenas nove palavras anotadas como suporte.

Uma vez concluída esta discussão dos resultados, procede-se às considerações finais desta monografia, disponibilizada no Capítulo 6, a seguir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia dedicou-se a fomentar investigações sobre o perfil e a atuação de intérpretes voluntários no âmbito de contextos religiosos, ainda pouco explorados no país. Para tal, contou-se com a colaboração de três intérpretes voluntários de uma igreja evangélica localizada em Uberlândia. Esses intérpretes, juntamente com dois formandos em tradução da Universidade Federal de Uberlândia, participaram de um experimento e responderam a questionários prospectivos. Com base nas análises empreendidas no Capítulo 4, foi possível responder, no Capítulo 5, às perguntas de pesquisa delineadas no Capítulo 1.

Foi possível fazer uma descrição inicial do perfil dos intérpretes evangélicos da referida igreja e das formas de atuação, em púlpito e em filas de oração. Também foi possível delinear um encaminhamento para corroborar e/ou refutar as hipóteses aventadas para a condução do experimento descrito na Seção 3.2. Vale destacar que, por se tratar de um estudo exploratório, os resultados não podem ser generalizados, mas apenas indicar possíveis direcionamentos para futuras pesquisas e, quiçá, despertar o interesse de pesquisadores no que diz respeito a esse tipo de interpretação e a esse perfil de intérpretes.

Também por se tratar de um estudo exploratório, houve questões imprevistas. Dentre elas, destaca-se a participação de dois tipos de intérprete. Em princípio, o orientador havia entendido que existiam apenas os intérpretes de púlpito, mas, durante a pesquisa, veio a colaboração de uma intérprete de filas de oração. Embora a participação dessa intérprete tenha enriquecido os resultados da presente pesquisa, ela também gerou ruído nos resultados, uma vez que, conforme evidenciado nas análises qualitativa e quali-quantitativa, seu desempenho não é equiparável àquele dos intérpretes de púlpito.

Além disso, o próprio desenho experimental apresenta desafios à validade ecológica (ALVES, 2003), ou seja, à reprodução mais próxima possível de uma tarefa real de interpretação no contexto religioso. Nesse sentido, a despeito de ter sido mostrada uma grande quantidade de omissões na interpretação, principalmente na Parte 3 das gravações, essas observações foram registradas em função do desenho experimental adotado, com trechos de vídeo extremamente longos. Na modalidade consecutiva monológica realizada na igreja em questão, parecem ser

raras as omissões, uma vez que as tarefas são mais próximas do que se observou na Parte 2 do experimento. Além disso, as anotações, que se mostraram sem padrão sistemático intra- e intersujeitos, parecem ter sido forçadas pelo próprio desenho experimental e forma de condução da pesquisa, mas, conforme evidenciado na análise dos questionários, não consistem em uma abordagem comum entre os intérpretes da igreja em questão.

Outra limitação desta pesquisa se refere às categorias de análise das estratégias e aos métodos manuais para medição de tempos e pausas. Em se tratando das estratégias, a literatura, como aponta Li (2013), é vasta e com definições nem sempre claras, que muitas vezes se sobrepõem e/ou apresentam termos distintos para se referirem ao mesmo fenômeno. Além disso, embora “tradução literal” seja um termo usado desde tempos imemoriais, parece que não tem havido referência explícita a esse fenômeno – ou ao que aqui foi denominado de “reverbalização literal –, cabendo investigações sobre a validade desse termo ou dessa noção para os estudos de interpretação. Em se tratando da medição de tempos e pausas, os métodos utilizados são passíveis de erros do analista e não contam com precisões de milissegundos, o que, talvez, possa vir a interferir nos dados estatísticos, sobretudo em se tratando dos tempos de pausas imediatamente anteriores à produção da interpretação na língua de chegada.

Outrossim, vale salientar que, ao fazer o experimento com cada intérprete que se dispôs a participar da presente monografia, percebeu-se que os intérpretes mais velhos tiveram pouco receio de serem gravados por serem mais “calejados”, sem se preocuparem tanto com os erros ou com o processo em si da gravação, ao passo que os mais novos demonstraram certa insegurança e desconforto ao interpretar e foram mais rigorosos com relação à autocrítica, principalmente em se tratando de I2 e T1. Esse componente atitudinal não foi avaliado na presente pesquisa, mas é possível que tenha tido impacto negativo no desempenho dos participantes mais novos.

Um elemento que surgiu na presente pesquisa e também carece de futuras investigações consiste na definição de fidelidade. Todos os intérpretes voluntários concordaram que essa seria a questão mais importante na interpretação realizada no contexto religioso. Todavia, como visto na Seção 4.2, há estratégias de condensação, omissão e até mesmo erros de interpretação que desafiam uma definição do que exatamente os intérpretes entendem por fidelidade. Além disso, o conceito e a discussão de fidelidade, mais trabalhados no caso de

traduções escritas, talvez possam ser enriquecidos por investigações mais profundas no âmbito da interpretação.

Em termos de contribuição para a área, este trabalho pode ser utilizado como material de análise durante os estudos da graduação por acadêmicos e professores, sendo especialmente interessante para as aulas de interpretação, estando os vídeos utilizados na coleta de dados disponíveis *on-line*¹² para acesso gratuito e livre por quem assim desejar. A metodologia desenvolvida pode ser replicada, preferencialmente com um número maior de participantes e de igrejas, a fim de se conhecer como se dá esse processo em variados contextos religiosos e de se obter resultados generalizáveis.

O material coletado para este trabalho, além de toda a análise e discussão apresentada, ainda é um campo fértil para que sejam feitas observações mais aprofundadas – por exemplo, a respeito das anotações realizadas pelos intérpretes, que não foram focadas devido ao fator “tempo”. Questões interessantes advindas desta monografia, como as marcas de oralidade (ênfase e entonação), também podem ser objetos de estudos em outras pesquisas.

A pesquisa ora realizada poderá ser utilizada futuramente como base para outros estudos na área e, eventualmente, constituir um conjunto de conhecimentos sobre a interpretação em contextos religiosos e sobre o desenvolvimento de competências tradutórias em domínios específicos, ainda que de modo informal e voluntário. Para os intérpretes voluntários, esta pesquisa também parece ter um papel importante, divulgando a relevância que tem para a comunidade evangélica e apontando que possuem uma experiência que pode ser valorizada pelo meio acadêmico.

¹² Disponível em: <<http://ials03.wix.com/contextoreligioso>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fabio. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 39, p. 71-108, 2003.
- ALVES, Fabio; PAGURA, Reynaldo. The interfaces between written translation and simultaneous interpretation: instances of cognitive management with a special focus on the memory issue. In: FIT WORLD CONGRESS, 16., Vancouver, 2002. **Proceedings...** Vancouver: FIT, 2002. p. 1-7.
- ANDERSON, Linda. Simultaneous interpretation: contextual and translation aspects. In: LAMBERT, Sylvie; MOSER-MERCER, Barbara (ed.). **Bridging the gap: empirical research in simultaneous interpretation**, 1994. p. 101-120.
- DOWNIE, Jonathan; KARLIK, Jill. Translating and interpreting in religious settings. In: EUROPEAN SOCIETY FOR TRANSLATION STUDIES CONGRESS, 7., Germersheim, 2013. **Proceedings...** Germersheim: Universität Mainz, 2013. [on-line]. Disponível em: <<http://www.fb06.uni-mainz.de/est/63.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- DRAGSTED, Barbara. **Segmentation in translation and translation memory systems: an empirical investigation of cognitive segmentation and effects of integrating a TM system into the translation process**. København: Samfundslitteratur, 2004.
- ERICSSON, K. Anders; KINTSCH, Walter. Long-term working memory. **Psychological Review**, v. 102, n. 2, p. 211-245, 1995. Disponível em: <<http://users.ecs.soton.ac.uk/harnad/Papers/Py104/ericsson.long.html>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- GERVER, Daniel. **Aspects of simultaneous interpretation and human information processing**. 1971. Tese – Oxford University, Oxford, 1971.
- GOLDMAN-EISLER, Frieda. Sequential temporal patterns and cognitive processes in speech. **Language and Speech**, v. 10, n. 3, p. 122-132, 1967.
- HALE, Sandra; NAPIER, Jemina. **Research methods in interpreting: a practical resource**. Londres: Bloomsbury Academic, 2014.
- HOKKANEN, Sari. Simultaneous church interpreting as service. **The Translator**, v. 18, p. 291-309, 2012.
- JIMÉNEZ-IVARS, Amparo. Variedades de interpretación: modalidades y tipos. **Hermeneus. Revista de Traducción e Interpretación**, n. 4, p. 1-15, 2002.
- LEDERER, Marianne. The role of cognitive complements in interpreting. In: BOWEN, David; BOWEN, Margareta. **Interpreting: yesterday, today and tomorrow**. Binghamton: SUNY, 1990.
- LEDERER, Marianne. **Translation: the interpretive model**. Trad. de Ninon Larché. Londres: Routledge, 2003.

LI, Xiangdong. Are interpreting strategies teachable? Correlating trainees' strategy use with trainers' training in the consecutive interpreting classroom. **The Interpreters' Newsletter**, v. 18, p. 105-128, 2013.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. A sensibilidade na tradução de textos sagrados. **Todas as Letras**, v. 11, n. 2, p. 62-73, 2009.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. Linguagem, tradução e discurso religioso. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. **Anais ...** Curitiba: Abralín, 2011. p. 3203-3211.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. São Paulo: Lucerna, 2007.

MEAD, Peter. Control of pauses by trainee interpreters in their A and B languages. **The Interpreters' Newsletter**, n. 10, p. 89-102, 2000.

MILLER, George A. **The psychology of communication: seven essays**. Nova York: Basic Books Inc, 1967.

NIDA, Eugene. **Toward a science of translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964. (NIDA, 1964)

ORIGUELA, Daniella Avelaneda. Interpretação comunitária, direitos humanos e assistência social: proposta de política pública no contexto brasileiro. **TradTerm**, São Paulo, v. 23, p. 225-240, set. 2014.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA** [on-line], v.19, n. spe., p. 209-236, 2003.

PAGURA, Reynaldo. **A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários do Inglês, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PAGURA, Reynaldo. A teoria interpretativa da tradução (*théorie du sens*) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização. **TradTerm**, São Paulo, v. 19, p. 92-108, nov. 2012.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing interpreting studies**. Londres: Routledge, 2004.

SCARDAMALIA, Marlene; BEREITER, Carl. Literate expertise. In: ERICSSON, K. Anders; SMITH, Jacqui. **Toward a general theory of expertise: prospects and limits**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 172-194.

SELESKOVITCH, D. **Interpreting for international conferences**. Washington: Pen and Booth, 1978.

SHIN, Hayne. **A research study on sermon interpreting in Korean churches**. 2013. 307 f. Tese (Doutorado em Interpretação e Tradução), Ewha Womans University, Seoul, 2013.

SILVA, Paulo Henrique. **A interpretação intermitente de palestras motivacionais como performance dramática**. 2013. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tradutor e Intérprete) – Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, 2013.

SIMMS, Karl (Org.). **Translating sensitive texts: linguistic aspects**. Amsterdã: GA, 1997.

SUSAM-SARAJEVA, Sebnem, PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis. Non-professionals translating and interpreting: participatory and engaged perspectives. **The Translator**, v. 18, n. 2, p. 149-165, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO PROSPECTIVO

1. Código do participante:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Você tem algum problema auditivo? Se sim, qual?
5. Você tem algum problema fonológico (dificuldade na fala)? Se sim, qual?
6. Você tem algum diploma de nível superior? Se sim, qual? Se não, está cursando ou pretende cursar?
7. Caso tenha diploma de nível superior, você já fez algum curso de especialização ou aperfeiçoamento? Tem mestrado e/ou doutorado? Em que área?
8. Você já frequentou algum curso profissionalizante na área de interpretação e/ou tradução? Se sim, qual?
9. Já assistiu a alguma palestra ou participou de algum evento sobre tradução e/ou interpretação? Se sim, qual?
10. Qual a sua língua materna?
11. Quantas línguas você domina além da sua língua materna? Quais são elas?
12. Qual o seu nível de proficiência nas línguas que você fala?
13. Você já deu aula de alguma língua? () sim () não
Se sim, qual?
Por quanto tempo?
Em que tipo de instituição?
14. Você já morou fora do Brasil?
Se sim, por quanto tempo? _____
Onde? _____
Com qual propósito?
Você acha que essa experiência tem impacto no seu trabalho atual?
15. Qual a sua experiência em tradução? Qual a área você traduz com mais frequência?
16. Qual a sua experiência em interpretação? Qual a área você interpreta com mais frequência?
17. Que porcentagem da sua renda é resultante da prestação de serviços de tradução? E de interpretação?
18. Em que tipo de evento você geralmente interpreta?
19. Existe um processo de preparação precedente ao dia do evento em que acontecerá a interpretação?
20. Como são a interpretação e o trabalho do intérprete na igreja? Descreva.
21. Em quais momentos o intérprete deve atuar para os eventos da igreja? É só no dia do evento e durante ele?
22. As pessoas vêm lhe dar algum *feedback* sobre a sua atuação ou a de outros intérpretes? O que você escuta com mais frequência com relação ao *feedback*?
23. Existe algum mecanismo para garantir a qualidade da interpretação e do trabalho do intérprete?
24. Os palestrantes têm contato com o intérprete além do momento da apresentação? Se sim, eles lhes dão algum *feedback* sobre o seu trabalho e o de outros intérpretes?
25. Os palestrantes estão preparados (ou se preparam) para falar de forma a facilitar o trabalho do intérprete? Existe alguma diretriz sobre isso?
26. Quais são os requisitos para fazer parte de um time de tradutores/intérpretes na sua igreja?
27. O trabalho é por contrato ou voluntário? Existe alguma formalização?

28. Qual é a sua opinião sobre a remuneração para o serviço de interpretação? (Por favor, marque a resposta mais próxima da sua opinião)
- ① A remuneração é necessária como forma de reconhecimento da competência e trabalho do intérprete.
 - ② A remuneração deve ocorrer somente quando o intérprete não tem outra fonte de renda.
 - ③ Este assunto deve ser tratado de acordo com a opinião pessoal do intérprete.
 - ④ A remuneração não é necessária, pois a interpretação faz parte do serviço voluntário para a igreja.
 - ⑤ A remuneração deve ser considerada à luz da política e situação financeira da igreja.
 - ⑥ Outra opinião: _____
29. Qual sua concepção sobre ética na interpretação de eventos religiosos?
30. Como você enxerga o trabalho do intérprete? Qual a importância dele para você e para a igreja?
31. Qual sua função na igreja?
32. Quais as dificuldades que você encontra na hora de interpretar?
34. Qual o grau de importância você daria aos seguintes métodos ou abordagens de interpretação com relação aos sermões?

Comportamentos de Interpretação		Não é importante ←→ É muito importante				
		1	2	3	4	5
1)	Ser fiel à mensagem original					
2)	Fazer pequenas adições para proporcionar entendimento					
3)	Fazer pequenos cortes para proporcionar entendimento					
4)	Interpretar de forma que soe natural					
5)	Reproduzir a entonação do palestrante					
6)	Reproduzir a expressão corporal do palestrante					
7)	Falar na mesma velocidade do palestrante					
8)	Ter espontaneidade					
9)	Usar adequadamente as expressões e terminologias próprias da linguagem bíblica					
10)	Acreditar no que está interpretando					

ANEXO A